



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

GRÃOS | **SAFRA 2024/25**
1º LEVANTAMENTO

outubro 2024

volume 12

NÚMERO

1

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA)

Luiz Paulo Teixeira Ferreira

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

João Edegar Pretto

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Lenildo Dias de Moraes

Diretora-Executiva Administrativa, Financeira e de Fiscalização (Diafi)

Rosa Neide Sandes de Almeida

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Arnoldo Anacleto de Campos

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sílvio Isoppo Porto

Superintendente de Informações da Agropecuária (Suinf)

Aroldo Antonio de Oliveira Neto

Gerente de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerente de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira
Couglan Hilter Sampaio Cardoso
Eledon Pereira de Oliveira
Janaína Maia de Almeida
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Luciana Gomes da Silva
Marco Antônio Garcia Martins Chaves
Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Amir Haddad
Candice Mello Romero Santos
Eunice Costa Gontijo
Fernando Arthur Santos Lima
Gabriel Da Costa Farias
Lucas Barbosa Fernandes
Rafaela dos Santos Souza
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Colaboradores

Adonis Boeckmann e Silva (Gerpa – algodão), Danielle Barros Ferreira (Inmet), Flávia Machado Starling Soares (Gerpa – trigo), João Figueiredo Ruas (Gefab – feijão), Leonardo Amazonas (Gerpa – soja), Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gerpa – arroz e milho).

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe, Tocantins.



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2024/25
1º LEVANTAMENTO

Copyright © 2024– Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Marília Malheiro Yamashita e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Capa: Herivelton Marculino da Silva - Conab

Normalização

Márcio Canella Cavalcante - CRB 1/2221

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 12, safra 2024/25, n. 1 primeiro levantamento, outubro 2024.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-

v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes Sousa CBR-1/1843

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

7	RESUMO EXECUTIVO
13	INTRODUÇÃO
17	ANÁLISE CLIMÁTICA
24	ANÁLISE DAS CULTURAS
24	ALGODÃO
29	ARROZ
37	FEIJÃO
54	MILHO
69	SOJA
79	TRIGO
86	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO
88	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO
99	APÊNDICE



RESUMO EXECUTIVO

A primeira previsão, para a safra de grãos 2024/25, indica mais um crescimento para a agricultura no país, constituindo-se em um novo recorde de área cultivada e produção.

Para a área, a ser semeada, estima-se crescimento de 1,9% sobre a safra anterior, saindo de 79,83 milhões de hectares para 81,34 milhões de hectares. Vale ressaltar que no Brasil, considerando a sua vasta extensão territorial, há o cultivo de três safras agrícolas em períodos distintos. A semeadura das culturas de primeira safra ocorre entre o final de agosto e dezembro. As culturas de segunda e terceira safras e as de inverno, que somam 25,34 milhões de hectares, com os plantios a partir de janeiro até junho, são cultivadas, geralmente, na mesma área em sucessão à colheita das culturas de primeira safra. Assim, para todas as culturas cultivadas, são utilizados 56 milhões de hectares.

Para a safra que se inicia, a primeira estimativa indica um volume de produção de 322,47 milhões de toneladas, 8,3% ou 24,62 milhões de toneladas superior ao obtido em 2023/24. Neste início de outubro, as áreas estão sendo preparadas, e os plantios das culturas de primeira safra estão em fase inicial.

Para os cálculos da área e da produtividade, considerando que as culturas de primeira safra ainda estão em fase de plantio e, as demais, culturas de segunda e terceira safras e as de inverno, é levado em consideração as informações provenientes dos levantamentos realizados em campo, mercadológicas e, como auxílio, modelos estatísticos. Os dados e informações serão atualizados ao longo dos próximos levantamentos.

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

TABELA 1 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO - SAFRAS 2023/24 E 2024/25

Brasil	Estimativa da safra de grãos			Safras 2023/24 e 2024/25					
	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	1.944,2	2.001,3	2,9	2.695	2.613	(3,1)	5.240,7	5.228,7	(0,2)
ALGODÃO - PLUMA	1.944,2	2.001,3	2,9	1.889	1.831	(3,1)	3.673,1	3.665,2	(0,2)
AMENDOIM TOTAL	255,4	271,2	6,2	2.873	3.846	33,9	733,7	1.042,8	42,1
Amendoim 1ª Safra	248,2	264,0	6,4	2.908	3.905	34,3	721,7	1.030,9	42,8
Amendoim 2ª Safra	7,2	7,2	-	1.660	1.660	-	12,0	11,9	(0,8)
ARROZ	1.607,8	1.767,5	9,9	6.584	6.816	3,5	10.585,5	12.046,7	13,8
Arroz sequeiro	324,8	381,6	17,5	2.594	2.689	3,7	842,6	1.026,4	21,8
Arroz irrigado	1.283,0	1.385,9	8,0	7.594	7.952	4,7	9.742,9	11.020,3	13,1
FEIJÃO TOTAL	2.858,2	2.880,1	0,8	1.135	1.132	(0,3)	3.243,9	3.259,4	0,5
FEIJÃO 1ª SAFRA	861,1	881,3	2,3	1.094	1.075	(1,8)	942,3	947,3	0,5
Cores	343,1	333,9	(2,7)	1.665	1.664	(0,1)	571,4	555,5	(2,8)
Preto	124,7	146,4	17,4	1.492	1.483	(0,6)	186,1	217,1	16,7
Caupi	393,3	401,0	2,0	470	436	(7,3)	184,9	174,6	(5,6)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.528,2	1.507,3	(1,4)	990	1.018	2,9	1.512,2	1.534,3	1,5
Cores	364,7	359,3	(1,5)	1.456	1.554	6,7	530,8	558,2	5,2
Preto	331,6	307,2	(7,4)	1.534	1.634	6,5	508,4	502,0	(1,3)
Caupi	831,9	840,8	1,1	568	564	(0,8)	472,8	474,2	0,3
FEIJÃO 3ª SAFRA	468,9	491,5	4,8	1.684	1.582	(6,0)	789,5	777,9	(1,5)
Cores	402,0	421,0	4,7	1.834	1.735	(5,4)	737,5	730,5	(0,9)
Preto	14,5	15,7	8,3	1.199	906	(24,4)	17,4	14,3	(17,8)
Caupi	52,4	54,8	4,6	663	604	(9,0)	34,7	33,1	(4,6)
GERGELIM	659,9	659,9	-	547	510	(6,8)	361,3	336,5	(6,9)
GIRASSOL	59,7	61,2	2,5	1.188	1.325	11,6	71,1	81,1	14,1
MAMONA	58,7	64,2	9,4	1.484	1.693	14,1	87,1	108,7	24,8
MILHO TOTAL	21.050,8	21.002,1	(0,2)	5.496	5.701	3,7	115.702,5	119.739,1	3,5
Milho 1ª Safra	3.970,1	3.756,1	(5,4)	5.784	6.049	4,6	22.962,2	22.720,6	(1,1)
Milho 2ª Safra	16.437,4	16.596,6	1,0	5.491	5.702	3,8	90.255,0	94.631,3	4,8
Milho 3ª Safra	643,3	649,4	0,9	3.864	3.676	(4,9)	2.485,6	2.387,1	(4,0)
SOJA	46.029,8	47.331,8	2,8	3.202	3.508	9,6	147.382,0	166.053,9	12,7
SORGO	1.459,2	1.458,7	-	3.033	3.122	2,9	4.425,6	4.554,1	2,9
SUBTOTAL	75.983,7	77.498,0	2,0	3.788	4.032	6,4	287.833,4	312.451,0	8,6
Culturas de inverno	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	2024	2025	VAR. %	2024	2025	VAR. %	2024	2025	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
	AVEIA	488,7	488,7	-	2.140	2.140	-	1.045,9	1.045,9
CANOLA	138,7	138,7	-	1.466	1.466	-	203,3	203,3	-
CENTEIO	2,2	2,2	-	2.091	2.091	-	4,6	4,6	-
CEVADA	125,5	125,5	-	3.557	3.557	-	446,4	446,4	-
TRIGO	3.068,8	3.068,8	-	2.693	2.693	-	8.263,7	8.263,7	-
TRITICALE	18,3	18,3	-	2.962	2.962	-	54,2	54,2	-
SUBTOTAL	3.842,2	3.842,2	-	2.607	2.607	-	10.018,1	10.018,1	-
BRASIL (2)	79.825,9	81.340,2	1,9	3.731	3.964	6,2	297.851,5	322.469,1	8,3

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2024.

TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO - SAFRAS 2023/24 E 2024/25

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados*						Safras 2023/24 e 2024/25		
Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	5.379,6	5.549,8	3,2	3.503	3.549	1,3	18.842,6	19.697,0	4,5
RR	142,6	143,0	0,3	3.506	3.690	5,2	499,9	527,6	5,5
RO	1.028,3	1.062,8	3,4	4.039	4.005	(0,8)	4.153,4	4.257,0	2,5
AC	65,3	69,1	5,8	2.977	2.991	0,5	194,4	206,7	6,3
AM	34,2	35,8	4,7	3.012	2.894	(3,9)	103,0	103,6	0,6
AP	11,6	13,0	12,1	2.078	2.015	(3,0)	24,1	26,2	8,7
PA	1.895,8	1.960,7	3,4	3.258	3.083	(5,3)	6.175,6	6.045,5	(2,1)
TO	2.201,8	2.265,4	2,9	3.494	3.766	7,8	7.692,2	8.530,4	10,9
NORDESTE	9.653,3	9.986,1	3,4	2.923	2.988	2,2	28.221,0	29.840,2	5,7
MA	2.061,8	2.144,1	4,0	3.634	3.613	(0,6)	7.492,2	7.746,7	3,4
PI	1.854,5	1.971,0	6,3	3.121	3.309	6,0	5.787,5	6.522,0	12,7
CE	971,5	988,8	1,8	864	777	(10,1)	839,4	768,1	(8,5)
RN	118,5	127,4	7,5	336	473	40,9	39,8	60,3	51,5
PB	225,4	233,6	3,6	463	590	27,4	104,4	137,8	32,0
PE	367,8	384,4	4,5	951	747	(21,5)	349,7	287,0	(17,9)
AL	83,1	90,2	8,5	2.211	2.247	1,7	183,7	202,7	10,3
SE	190,2	190,4	0,1	5.140	5.144	0,1	977,6	979,5	0,2
BA	3.780,5	3.856,2	2,0	3.292	3.406	3,5	12.446,7	13.136,1	5,5
CENTRO-OESTE	35.516,2	36.458,2	2,7	4.061	4.369	7,6	144.240,6	159.273,7	10,4
MT	21.678,1	22.018,8	1,6	4.300	4.414	2,7	93.209,4	97.199,7	4,3
MS	6.383,6	6.701,6	5,0	3.128	4.095	30,9	19.966,2	27.445,7	37,5
GO	7.275,2	7.552,1	3,8	4.160	4.467	7,4	30.266,8	33.732,0	11,4
DF	179,3	185,7	3,6	4.452	4.827	8,4	798,2	896,3	12,3
SUDESTE	6.916,2	6.975,1	0,9	3.626	4.010	10,6	25.075,1	27.970,7	11,5
MG	4.260,5	4.274,5	0,3	3.773	4.033	6,9	16.074,4	17.238,5	7,2
ES	25,6	26,2	2,3	2.676	2.634	(1,6)	68,5	69,0	0,7
RJ	2,7	2,7	-	3.333	3.370	1,1	9,0	9,1	1,1
SP	2.627,4	2.671,7	1,7	3.396	3.988	17,4	8.923,2	10.654,1	19,4
SUL	22.360,6	22.371,0	-	3.644	3.830	5,1	81.472,2	85.687,5	5,2
PR	10.523,4	10.439,1	(0,8)	3.549	3.856	8,7	37.347,7	40.254,8	7,8
SC	1.424,5	1.450,3	1,8	4.922	4.884	(0,8)	7.011,6	7.082,9	1,0
RS	10.412,7	10.481,6	0,7	3.564	3.659	2,7	37.112,9	38.349,8	3,3
NORTE/NORDESTE	15.032,9	15.535,9	3,3	3.131	3.189	1,8	47.063,6	49.537,2	5,3
CENTRO-SUL	64.793,0	65.804,3	1,6	3.871	4.148	7,2	250.787,9	272.931,9	8,8
BRASIL	79.825,9	81.340,2	1,9	3.731	3.964	6,2	297.851,5	322.469,1	8,3

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2024.



INTRODUÇÃO

O acompanhamento da safra brasileira de grãos dá início a uma nova temporada com a publicação deste boletim. A partir deste mês, a Conab começa a monitorar a safra 2024/25, ainda atualizando as informações referentes às culturas da terceira safra e de inverno, da temporada 2023/24, que seguem em campo. As primeiras estimativas para a nova safra das culturas de inverno serão divulgadas apenas em fevereiro e, por enquanto, assume-se o estimado para a safra 2024 como a previsão para 2025.

Este primeiro levantamento está estreitamente vinculado aos dados apresentados no [Perspectivas para a Agropecuária](#), publicado em setembro deste ano. Esse trabalho é resultado da interação entre as equipes de análise de mercado e de levantamento de safras da Conab, proporcionando suporte às estimativas para produtos que serão cultivados, por exemplo, apenas no primeiro semestre de 2025. Como exemplo, a variação da produção do milho segunda safra na temporada 2023/24 em relação ao [Perspectivas para a Agropecuária](#) dessa mesma safra, foi de 0,8%.

No entanto, sempre há a possibilidade de alteração nos números, em caso de condições climáticas adversas ou excepcionalmente favoráveis, como as ocorridas nas lavouras de primeira safra da temporada 2023/24. Como exemplo, a soja teve variação de 9,3% entre a estimativa da Perspectiva

Agropecuária e o totalizado ao final da safra.

Assim, as estimativas da produção refletem a expectativa de produção no mês anterior à publicação do boletim, levando em consideração condições climáticas esperadas até o final do cultivo.

Agradecemos o papel fundamental dos colaboradores da Conab, em todas as Unidades da Federação, no levantamento das informações que subsidiam este boletim. Da mesma forma, registramos a colaboração de diversas entidades, públicas e privadas, fornecendo informações que permitem estimar a safra brasileira de grãos.

Neste levantamento, no apêndice do boletim, encontra-se um resumo das principais informações acerca do vazio sanitário e sua relevância para a sanidade das lavouras e para a produção. É imperioso que sempre seja consultado o último documento publicado pela autoridade fitossanitária federal e/ou estadual, visto que a Conab apenas replica a informação no momento da elaboração deste boletim.

Como parte da metodologia, os dados de produtividade, por cultura e por Unidade da Federação, são inicialmente estimados com o auxílio de modelos estatísticos em relação ao histórico de produtividades. Os modelos permitem segurança nas previsões, levando em consideração os cenários favoráveis e desfavoráveis às culturas. Os dados gerados são analisados para todas as culturas em todos os estados, considerando as informações climáticas e os pacotes tecnológicos modais de cada estado, também levantados pela Conab. Ao todo, são analisados mais de 540 dados de área e produtividade. Para as culturas que já avançam no seu ciclo e possuem informações mais consolidadas de campo, iniciam-se as revisões dos números iniciais, e os dados são ponderados de acordo com as condições apresentadas em cada região dos estados.

As análises são feitas a partir das condições meteorológicas, sobretudo chuva e temperatura, observadas ao longo do ciclo da cultura, a partir das interpretações de análises de satélite, principalmente a análise evolutiva e comparativa do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI) e a partir de investigações de campo, tanto subjetivas, contando com a colaboração da nossa rede de agentes colaboradores, por meio da aplicação de questionários, mensalmente, e coletadas mais de 4.000 informações em todo o Brasil, quanto objetivas, com investigação direto nas lavouras dos fatores de produtividade, além do auxílio de mapeamento das áreas.

Mensalmente, os dados de área, produtividade e produção, são atualizados. A estimativa da produção leva em consideração as condições climáticas pontuais, observadas no período de levantamento, assim como os prognósticos para até o final do cultivo.

Nas análises estaduais, são destacados os eventos mais relevantes ocorridos, como início de semeadura, eventos climáticos severos e situação de manejo ou inserção de novas culturas no estado.

A Conab realiza o levantamento da safra brasileira de grãos desde a temporada 1976/77. A constante busca pela qualificação dos dados é exemplificada pela sofisticação dos métodos utilizados pela Conab, para a obtenção dos dados da safra, sobretudo os ligados ao georreferenciamento e à modelagem estatística, incrementando as informações obtidas subjetivamente, que trazem tempestividade aos dados.

As informações deste boletim devem ser correlacionadas aos dados numéricos publicados em nossa planilha de safra, disponível para download em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safra/gaos/boletim-da-safra->

[de-graos.](#)

Recomendamos a leitura do Boletim de Monitoramento Agrícola, publicado regularmente em [https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos / monitoramento-agricola](https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos/monitoramento-agricola) e do Progresso de Safra, disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/progresso-de-safra> para acompanhamento sistemático da safra brasileira de grãos.

Boa leitura!



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE SETEMBRO

Em setembro de 2024, foram observados acumulados de chuva acima de 150 mm no Noroeste e extremo-sul do país. Chuvas entre 40 mm e 120 mm ocorreram na maior parte da Região Sul, no sul da região Sudeste, no oeste da Região Norte e em áreas pontuais da costa leste do Nordeste. Nas demais áreas, as chuvas foram inferiores a 30 mm, e os níveis de água no solo foram baixos, principalmente, no interior da Região Nordeste.

Na região Norte, os volumes de chuva foram superiores a 40 mm em Roraima, Amazonas e Acre, onde o armazenamento hídrico do solo permanece satisfatório. No Amapá, Pará e parte de Rondônia, bem como em Tocantins, os volumes foram menores que 30 mm e em algumas localidades não houve registro de chuva, e os níveis de umidade do solo ainda se encontram baixos.

Na Região Nordeste, os maiores volumes de chuva foram observados em áreas pontuais do leste de Alagoas e Bahia, com valores entre 40 mm e 70 mm. No interior do Nordeste e no Matopiba, houve predomínio de tempo seco. Apesar da redução das chuvas, as condições foram favoráveis para a

¹ Danielle Barros Ferreira – Meteorologista do Inmet – Brasília.

maturação e colheita do milho terceira safra, exceto em lavouras mais tardias que ainda se encontravam em enchimento de grãos, onde a falta de chuvas pode ter causado restrição hídrica.

Em grande parte da Região Centro-Oeste houve o predomínio de tempo seco, acarretando em baixos níveis de umidade no solo, exceto no centro-sul de Mato Grosso do Sul, onde foram registrados volumes de chuva entre 40 mm e 70 mm, que contribuíram para o início do plantio da soja. De modo geral, as precipitações ainda são insuficientes para repor a umidade do solo em grande parte da região, que, aliadas às temperaturas elevadas, têm comprometido o progresso do plantio da soja.

Na Região Sudeste, foram observados acumulados de chuva acima de 40 mm sobre o sudeste de São Paulo. Nas demais áreas, os volumes foram mais baixos e em algumas localidades do centro-norte de Minas Gerais não foram registradas chuvas, havendo uma redução da umidade do solo. Apesar deste cenário, as condições permaneceram favoráveis para a maturação e colheita do trigo.

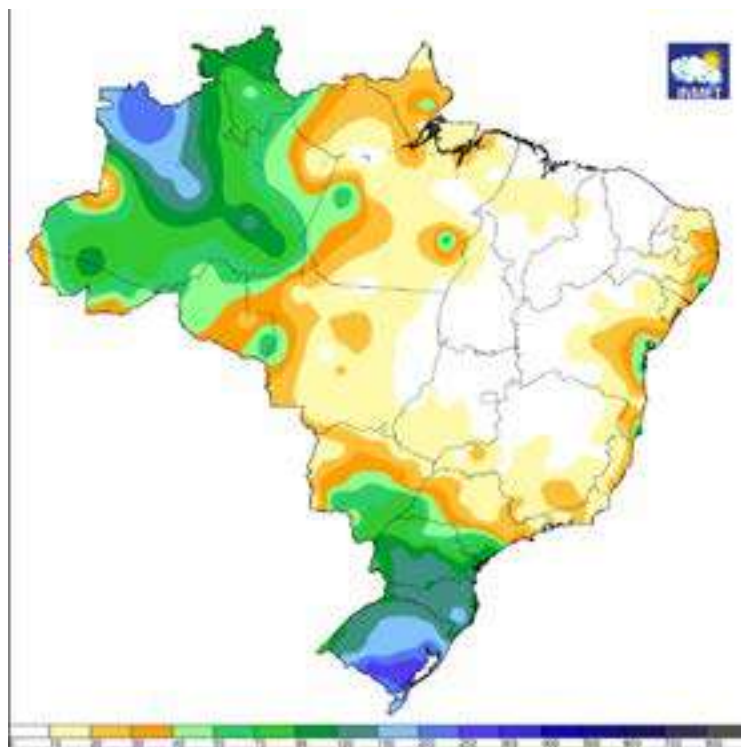
Na Região Sul, os volumes de chuva foram superiores a 170 mm no centro-sul do Rio Grande do Sul, impactando as lavouras de trigo em algumas localidades devido aos ventos fortes e granizo que provocaram acamamento das plantações. Em Santa Catarina e Paraná, os volumes foram menores, principalmente no norte do Paraná, onde os valores ficaram entre 40 mm e 90 mm. Dessa forma, os níveis de umidade do solo foram favoráveis para o desenvolvimento, floração e enchimento de grãos dos cultivos de inverno na maior parte da região, bem como para o início do desenvolvimento e manejo da safra 2024/25.

Em setembro, as temperaturas máximas foram superiores a 34 °C nas Regiões Centro-Oeste, Norte e parte oeste das Regiões Nordeste e Sudeste.

Destaques para áreas localizadas em Mato Grosso, sudeste do Pará, Tocantins, sul do Maranhão e oeste do Piauí, onde foram registradas máximas acima de 38 °C. No leste das Regiões Sudeste e Nordeste, as temperaturas máximas variaram entre 28 °C e 32 °C. Do sudeste do Paraná até o Rio Grande do Sul, as máximas foram inferiores a 30 °C.

Quanto às temperaturas mínimas, foram inferiores a 18 °C na Região Sul, parte da Região Sudeste e sul da Bahia. Nas demais áreas, as temperaturas foram mais elevadas, principalmente na Região Norte e norte do Maranhão, onde as temperaturas mínimas foram acima de 24 °C.

FIGURA 1 - ACUMULADO DA PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM SETEMBRO DE 2024



Fonte: Inmet.

CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Na figura abaixo é mostrada a anomalia de Temperatura da Superfície do Mar (TSM) entre os dias 16 e 30 de setembro de 2024. Foram observados valores de anomalias entre $-0,5\text{ }^{\circ}\text{C}$ e $-2\text{ }^{\circ}\text{C}$ em toda a faixa do Pacífico Equatorial. Considerando somente a região do Niño 3.4 (área entre 170°W e 120°W), as anomalias médias positivas de TSM têm apresentado um decréscimo acentuado desde o início de abril, indicando o fim do fenômeno El Niño. A partir da segunda quinzena de julho, até o momento, os valores vêm se mantendo abaixo de zero (águas mais frias), porém desde o início de setembro estes valores estão abaixo de $-0,5\text{ }^{\circ}\text{C}$, condição para o início da La Niña. Entretanto, para que o fenômeno seja declarado, estes valores devem permanecer por pelo menos três meses consecutivos. Dessa forma, permanece ainda com condições de neutralidade.

FIGURA 2 - MAPA DE ANOMALIAS DE TSM NO PERÍODO DE 16 A 30 DE SETEMBRO DE 2024

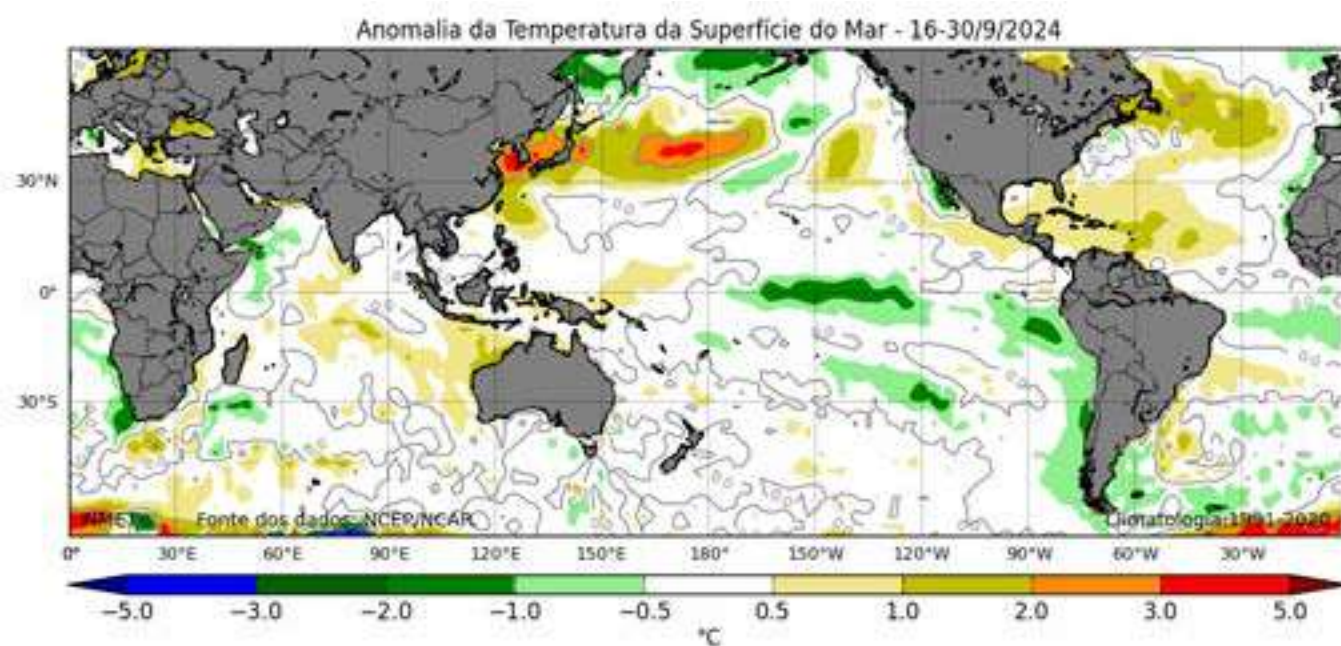
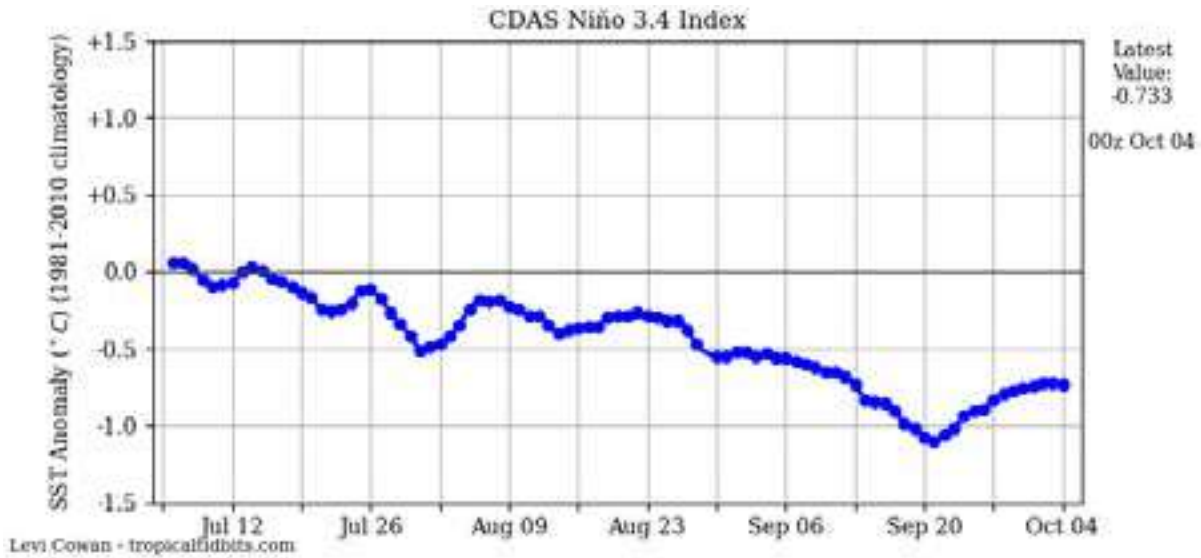


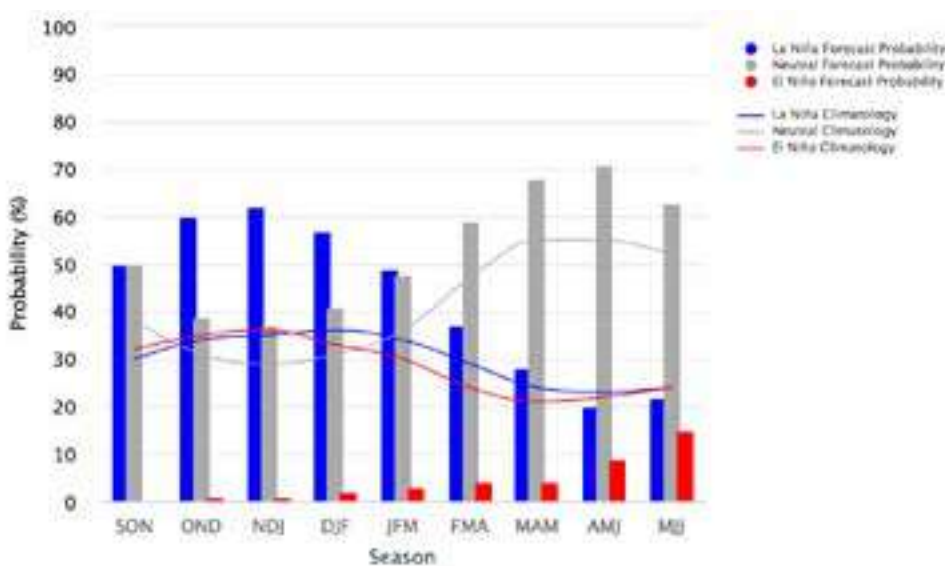
GRÁFICO 1 - MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4



Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

A análise do modelo de previsão do ENOS (El Niño - Oscilação Sul), realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), aponta para uma transição das condições de Neutralidade para o fenômeno La Niña (resfriamento anômalo das águas do Pacífico Equatorial), com 60% de probabilidade durante o trimestre outubro, novembro e dezembro.

GRÁFICO 2 - MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4



Fonte: IRI - <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO OUTUBRO, NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 2024

A previsão climática do modelo do Inmet, para os próximos três meses, é mostrada na figura abaixo. O modelo indica chuvas abaixo da média em grande parte do Brasil, principalmente, na Região Nordeste. Chuvas acima da média são previstas para o leste das Regiões Sul e Sudeste e em áreas do oeste do Mato Grosso do Sul, além do nordeste do Mato Grosso, Acre e noroeste da região amazônica. Com o período seco prolongado no Brasil Central, os níveis de água no solo se encontram baixos, principalmente no interior da Região Nordeste, norte de Minas Gerais, noroeste de São Paulo, Goiás, Tocantins e leste do Mato Grosso.

Analisando separadamente cada região do país, tem-se que para a Região Norte, a previsão é de totais de chuva acima da média no Acre, norte do Amazonas e Roraima. Nas demais áreas, são previstas chuvas próximas ou abaixo da média histórica, o que pode atrasar a recuperação dos níveis de umidade do solo, principalmente no nordeste da região amazônica.

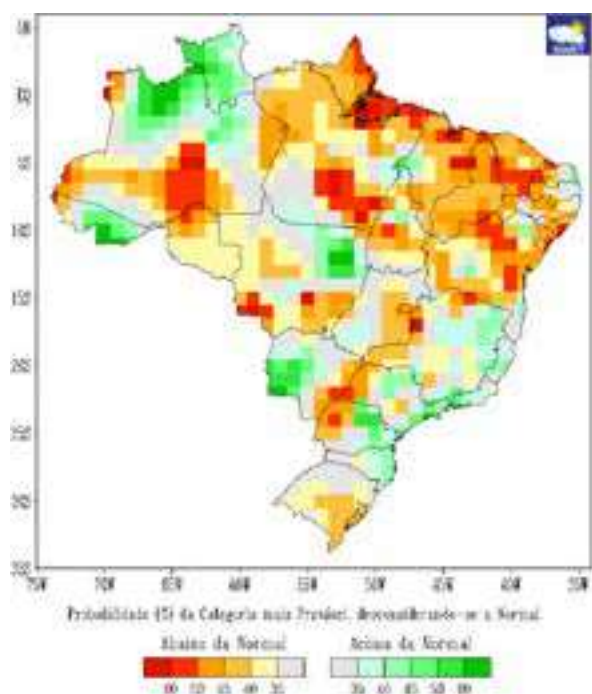
Na Região Nordeste, há previsão de chuvas abaixo da média em grande parte da região. Esse cenário contribui para a manutenção do armazenamento hídrico do solo baixo, porém algumas chuvas podem chegar ao sul da Bahia e favorecer a elevação dos níveis de umidade no solo nesta área.

Em grande parte das Regiões Centro-Oeste e Sudeste, o modelo do Inmet indica chuvas abaixo da média, que ainda deverão ser insuficientes para elevar os níveis de água no solo em outubro, principalmente, em áreas do sul do Mato Grosso e norte do Mato Grosso do Sul, bem como no oeste de São Paulo. A parte leste, próxima à costa, pode ser beneficiada com chuvas provenientes da passagem de frentes frias. No nordeste do Mato Grosso e centro-oeste do Mato Grosso do Sul, os volumes de chuva poderão ser acima da média.

Na Região Sul, são previstas chuvas acima da média no leste de Santa Catarina e Paraná. Nas demais áreas, são previstas chuvas próximas ou abaixo da média histórica. No geral, os níveis de água no solo se manterão elevados devido às chuvas ocorridas nos últimos meses

Em relação à temperatura média do ar, o modelo continua indicando temperaturas acima da média climatológica em praticamente todo o país, especialmente, em áreas mais ao norte, onde os valores médios podem ultrapassar os 27 °C. Em áreas pontuais do sul da Bahia, sul de Minas Gerais, Rio de Janeiro, leste de São Paulo e leste da Região Sul, as temperaturas devem ser inferiores a 22 °C. Nas áreas serranas das Regiões Sul e Sudeste, as temperaturas podem ser inferiores a 15 °C.

FIGURA 3 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE OUTUBRO, NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 2024



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do Inmet: <https://portal.inmet.gov.br>.

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

2.001,3 mil ha

+2,9%

PRODUTIVIDADE

1.831 kg/ha

-3,1%

PRODUÇÃO

3.665,2 mil t

-0,2%

Comparativo com safra anterior.

Algodão em pluma.

Fonte: Conab.

TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ALGODÃO EM PLUMA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	1.618,2	1.717	2.778,8
2019/20	1.665,6	1.802	3.001,6
2020/21	1.370,6	1.721	2.359,0
2021/22	1.600,4	1.596	2.554,1
2022/23	1.663,7	1.907	3.173,3
2023/24	1.944,2	1.889	3.673,1
2024/25 out/24	2.001,3	1.831	3.665,2



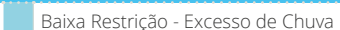

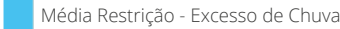





Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Com o fim da safra 2023/24, a produção de pluma foi de 3.673,1 mil toneladas, valor superior à safra 2022/23. Esse resultado confirma a boa safra, estipulando recorde na série histórica. Mesmo com a redução de produtividade, a produção de algodão em pluma foi recorde, influenciada diretamente pelo aumento de área, uma vez que houve substituição de áreas de algumas culturas, como milho segunda safra por algodão. Alguns estados concentram o manejo pós-colheita na destruição das soqueiras e no controle de pragas, assim como se encontram no período de vazios sanitários.

O primeiro levantamento da safra 2024/25, com base em análises estatísticas, revelou que, apesar de uma estimativa de área plantada maior em relação à safra anterior, a produtividade deverá ser ligeiramente inferior. Como resultado, a produção estimada para a safra 2024/25 é levemente menor que a registrada na safra passada. Entretanto, é importante destacar que diversos fatores podem mudar ao longo da safra, influenciando o comportamento da produção.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
	Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Falta de Chuva
	Média Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção %	Algodão - Safra 2023/2024										
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Leste Rondoniense	0,68			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins	0,32		S/E/DV		DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	2,23		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
	Sul Maranhense - 2ª Safra				S/E/DV	DV	F	FM	FM/M	M/C	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	0,86		S/E	E/DV	DV	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	M/C	C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	20,80		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/FM	F/FM	FM/M	FM/M/C	FM/M/C	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	45,87		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	6,74		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	0,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	0,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	13,99		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
MS	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra	1,83		S/E/DV	DV	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - 1ª Safra	0,51		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Leste Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra	1,48		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	0,67		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	0,68		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2022) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

De acordo com os dados da Conab, a safra brasileira de algodão 2023/24, cuja colheita se encerrou em setembro, atingiu o volume recorde de 3,673 milhões de toneladas de pluma. Haja vista que as áreas destinadas à cultura se encontram na fase de vazio sanitário, ainda não há informações de campo referentes à próxima safra. Mas, de acordo com a estimativa da Conab, para o primeiro levantamento da safra 2024/25, a área destinada à cultura deverá ocupar aproximadamente 2 milhões de hectares, e a produtividade estimada será em torno de 1,83 mil toneladas por hectare. Desse modo, a produção brasileira da safra 2024/25 de algodão em pluma será muito próxima da atual, algo em torno de 3,665 milhões de toneladas.

A consolidação do Brasil como um grande produtor e exportador mundial de algodão tem ocorrido com conquista de novos mercados e o reconhecimento da qualidade da pluma produzida, bem como o seu preço bastante competitivo. Em setembro de 2024 foram exportadas 169,5 mil toneladas de algodão em pluma. No acumulado do ano, as exportações da pluma já somam 2,01 milhões de toneladas, conforme dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). Para este ano, o esperado é que as exportações atinjam 2,85 milhões de toneladas. Já no próximo ano, com a safra 2024/25, a expectativa do setor é exportar 2,86 milhões de toneladas.

De acordo com dados da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT), no ano de 2023 o consumo interno de algodão foi de 710 mil toneladas. Para o ano de 2024, a expectativa é que este consumo seja um pouco menor que o do ano anterior, ficando em torno de 695 mil toneladas. Já em relação ao ano de 2025, o consumo doméstico esperado é de aproximadamente 700 mil toneladas. Assim, diante desses dados, os estoques finais das safras 2023/24 e 2024/25 deverão crescer, ficando em 2,29 e 2,40 milhões de toneladas, respectivamente.

TABELA 4 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2018/19	980,5	2.778,8	1,7	3.761,0	720,0	1.613,7	1.427,3
2019/20	1.427,3	3.001,6	2,2	4.431,1	690,0	2.125,4	1.615,7
2020/21	1.615,7	2.359,0	4,6	3.979,3	720,0	2.016,6	1.242,7
2021/22	1.242,7	2.554,1	2,3	3.799,1	675,0	1.803,7	1.320,4
2022/23	1.320,4	3.173,3	1,7	4.495,4	710,0	1.618,2	2.167,2
2023/24	2.167,2	3.673,1	1,1	5.841,4	695,0	2.852,0	2.294,4
2024/25	out/24	2.294,4	3.665,2	1,1	5.960,7	700,0	2.400,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2024.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.767,5 mil ha

+9,9%

PRODUTIVIDADE

6.816 kg/ha

+3,5%

PRODUÇÃO

12.046,7 mil t

+13,8%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab

TABELA 5 - ARROZ

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	1.702,5	6.158	10.483,6
2019/20	1.665,8	6.713	11.183,4
2020/21	1.679,2	7.007	11.766,4
2021/22	1.618,3	6.667	10.788,8
2022/23	1.479,6	6.780	10.031,8
2023/24	1.607,8	6.584	10.585,5
2024/25 out/24	1.767,5	6.816	12.046,7

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

O novo ciclo da cultura 2024/25 inicia-se, e o plantio já atinge mais de 13% da área total prevista para esta safra, no país. A distribuição de chuvas nas áreas de produção é muito irregular, com lavouras sob estiagem por longos períodos, bem como regiões em que a operação de semeadura foi interrompida devido ao alto volume de precipitações, dificultando o plantio.

Destaca-se as áreas do Rio Grande do Sul, que apesar da condição da ocorrência de muita chuva, avança na semeadura, abrangendo 11% do total

da área estimada para o estado. Em Santa Catarina mais de 50% das áreas já foram plantadas.

Muitas regiões ainda não iniciaram o plantio, aguardando melhores condições climáticas, melhoria no abastecimento hídrico ou janela ideal para semeadura, como as áreas em Tocantins e Mato Grosso. Em sua maioria, as lavouras estão em fase de emergência de plantas e desenvolvimento vegetativo, com algumas áreas já em fase inicial de colheita, resultado de áreas semeadas mais cedo. A estimativa mostra um incremento de área, tanto no cultivo do arroz de sequeiro quanto sob irrigação, sendo a área de arroz irrigado estimada em 1.385,9 mil hectares, com aumento de 8%, comparada à safra anterior. Quanto ao arroz de sequeiro, há uma importante estimativa de incremento de área em 17,5% em relação à safra 2023/24, totalizando 381,6 mil hectares.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a semeadura da lavoura de arroz, da safra 2024/25, iniciou-se nas áreas de plantio da região da Fronteira Oeste, com mais de 30% semeadas do total previsto, mas terminou setembro com áreas semeadas em quase todas as regiões produtoras. A exceção foi a Zona Sul, devido aos altos volumes de precipitação nestas áreas. Mais de 100 mil hectares foram semeados, 11% do total da área estimada para esta safra.

As chuvas ocorridas na última semana de setembro e início de outubro interromperam a semeadura em todas as regiões, e que pode vir a estender essa condição por mais dias devido à previsão de chuvas generalizadas para todo estado. Entre as áreas semeadas, 91% estão no processo de emergência,

enquanto 9% já estão em desenvolvimento vegetativo, além dos tratamentos culturais que são realizados nas lavouras já implantadas. A área semeada nesta safra (antecipação da semeadura) é maior em relação à safra anterior (quando choveu muito neste período do ano), pois há lavouras maiores exigindo o início da semeadura mais cedo, as condições foram favoráveis para o preparo antecipado das lavouras, a antecipação da colheita também possivelmente irá favorecer a obtenção de melhores preços no mercado, além do menor gasto de água para irrigação.

A expectativa para a safra 2024/25 é de aumento da área cultivada em todas as regiões produtoras, principalmente na Região Sul e Fronteira Oeste, justificado pela boa rentabilidade da cultura, o bom volume de água nas barragens e rios das regiões produtoras e a possibilidade de realizar o preparo antecipado das áreas, permitindo a obtenção de boas produtividades.

Tocantins: o plantio do arroz irrigado ainda não teve início, uma vez que os rios da bacia estão com baixos níveis e para realizar a captação de água é muito importante ocorrer a regularidade das chuvas para normalizar a vazão. Para o arroz de sequeiro, o calendário de plantio é de novembro a dezembro.

Maranhão: o arroz irrigado corresponde a 5% da área total de arroz (sequeiro e irrigado) no estado, e as áreas produtoras se encontram nos municípios de Arari, Vitória do Mearim e Viana, na Baixada Maranhense, no norte do estado, São Mateus do Maranhão, no Médio Mearim e Grajaú, no centro do estado. Na safra 2024/25, o plantio foi iniciado na segunda quinzena de junho de 2024. Em setembro de 2024, o plantio foi praticamente finalizado, atingindo 96% da área prevista, restando apenas as áreas de Viana. As lavouras já se encontram em todas as fases do seu ciclo de desenvolvimento: emergência, desenvolvimento vegetativo, floração, enchimento de grãos, maturação e

em algumas áreas já com a realização da colheita, e em boas condições.

A colheita foi iniciada no final de setembro de 2024 e alcança 1% das áreas, ocorrendo até fevereiro de 2025, considerando o ciclo das variedades cultivadas em torno de 110 dias a 120 dias.

O sistema de plantio é convencional, com uso de mudas pré-germinadas. Para a safra 24/25, a área de plantio é estimada em 4,2 mil hectares, com aumento de 16,7% em relação à safra anterior, principalmente nas áreas de São Mateus, Viana e Grajaú, devido à expectativa de bons preços praticados no mercado do cereal. Já o plantio do arroz de sequeiro deve ser realizado entre os meses de dezembro de 2024 e fevereiro de 2025, a depender do início e regularidade das chuvas.

Minas Gerais: observou-se um incremento de áreas cultivadas sobre irrigação no estado, na região noroeste, principalmente devido aos preços praticados no mercado. O plantio já atinge cerca de 20% da área total a ser cultivada. Já para as áreas de arroz de sequeiro espera-se o início das chuvas para a realização do plantio na janela ideal.

Rondônia: no início do ano-safra 2024/25 tem se verificado uma severa escassez hídrica na região e a regularidade das chuvas, que deveriam iniciar na segunda quinzena de setembro, não ocorreu, o que inviabiliza as condições para o plantio. Assim, a maioria das áreas está preparada, mas aguarda o melhor momento para iniciar o plantio.

Amazonas: a estiagem tem dificultado a execução do planejamento de semeadura.

Goiás: a área de arroz irrigado no estado deverá ter um pequeno incremento nesta safra. O plantio é escalonado, sendo dividido entre setembro e dezembro,

com a maior porcentagem da semeadura ocorrendo principalmente em novembro e dezembro, podendo estender o plantio, a depender do volume de chuvas neste período. As lavouras que foram plantadas em setembro estão em fase de emergência das plantas e desenvolvimento vegetativo.

Pará: o arroz irrigado do estado é cultivado na região intermediária de Breves no arquipélago do Marajó. Do arroz total para a safra 24/25, o irrigado iniciou a semeadura em julho de 2024, em que o planejamento de plantio abrange duas etapas, sendo uma na estação seca, com aproximadamente 4.000 hectares plantados, e a outra no início da estação chuvosa, com 1.200 hectares de lavouras. Assim, as lavouras se encontram em bom estado, com fenologia de 85% em desenvolvimento vegetativo e 15% em fase reprodutiva. Quanto ao arroz de sequeiro, planta-se como cultivo preliminar de áreas recém-abertas para soja e milho, e há a estimativa de semear uma área maior que a safra 2023/24, no qual ainda não teve início as atividades de lavoura na atual safra.

Piauí: uma vez que o cultivo irrigado é feito por inundação ou cultivadas em vazante, as condições climáticas da região, mesmo com irregularidade das chuvas, não têm impacto significativo na cultura, uma que o período de plantio da cultura no estado ocorre em maio.

Para esta safra deve haver um pequeno aumento de área do arroz irrigado. Em relação ao cultivo de sequeiro, geralmente ocorre nas áreas da agricultura familiar e principalmente na região semiárida do estado, porém tem-se observado a implantação da cultura também na região norte em aberturas de áreas para cultivo de soja. A semeadura se concentra historicamente em dezembro e janeiro.

Paraná: para o arroz irrigado, boa parte da área já foi plantada (62%). A área teve incremento em Umuarama, refletindo cerca de 4% do estadual em

relação à safra passada. As lavouras se concentram na fase de emergência das plantas, com 90% da área, e o restante se encontram no início do desenvolvimento vegetativo, em boas condições fitossanitárias. No arroz de sequeiro, com a ocorrência de precipitações, as condições de disponibilidade de água no solo favoreceram a semeadura, com exceção das áreas de produção no norte paranaense, que não ocorreram chuvas suficientes para a manutenção da umidade ideal no solo. Assim, houve o plantio em 18% da área total, estimado em sua maior parte com 77,6% em emergência e demais áreas em desenvolvimento vegetativo. Praticamente, as lavouras estão, na maioria, em boas condições (99%).

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica													
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
UF	Mesorregiões	Produção %	Arroz - Safra 2024 - 2025										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RR*	Norte de Roraima	0,86				S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
RO	Leste Rondoniense	0,76				S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
TO*	Ocidental do Tocantins	5,72			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MA	Centro Maranhense	0,70						S/E/DV	E/DV/F	DV/F	EG/M/C	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense	2,92				S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	
GO*	Leste Goiano	0,62		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	C			
PR*	Noroeste Paranaense	1,29		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	C			
SC*	Norte Catarinense	1,40	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C			
	Vale do Itajaí	2,07	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Sul Catarinense	7,68	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C		
RS*	Centro Ocidental Rio-grandense	6,45		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense	3,96		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Metropolitana de Porto Alegre	15,90		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Sudoeste Rio-grandense	28,87		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Sudeste Rio-grandense	14,17		PS	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (**)i total ou parcialmente irrigado.

Fonte: *IBGE (PAM 2023) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a safra brasileira 2024/25 de arroz será 13,8% maior que a safra 2022/23, sendo projetada em 12 milhões de toneladas. Esse resultado é reflexo principalmente da estimativa de significativa expansão de área em meio à atual excelente rentabilidade do setor. Ademais, em meio a um cenário de La Niña moderada, a perspectiva é de boa rentabilidade da cultura, com base no histórico do setor.

Sobre o quadro de oferta e demanda do arroz, neste primeiro levantamento, estima-se uma estabilidade do consumo nacional em 11 milhões de toneladas na safra 2024/25. Mais especificamente sobre a balança comercial, para a safra 2023/24, com os preços internos operando acima das paridades de exportação, com a menor disponibilidade interna e com a recomposição produtiva norte-americana, a projeção é de redução dos volumes exportados para 1,3 milhão de toneladas pelo Brasil. Para a safra 2024/25, em meio à projeção de recuperação produtiva e arrefecimento dos preços para o próximo ano, estima-se um aumento das exportações de arroz brasileiro para 2 milhões de toneladas.

Sobre as importações, para 2024, projeta-se uma expansão do volume importado para 1,7 milhão, em razão ainda da atual necessidade de recomposição da oferta nacional, porém, com a recuperação produtiva para a próxima safra, a perspectiva é de redução do volume importado para 1,4 milhão de toneladas. Com isso, em meio aos números apresentados, a projeção é de estoque de passagem maiores ao final da safra 2024/25, com um volume estimado de 840,1 mil de toneladas ao final de fevereiro de 2026, visto que na safra 2023/24, a estimativa é de um estoque final de 393,4 mil toneladas em fevereiro de 2025.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2018/19	812,3	10.483,6	1.037,7	12.333,6	10.780,3	1.365,7	187,6
2019/20	187,6	11.183,4	1.351,1	12.722,1	10.205,7	1.762,4	754,0
2020/21	754,0	11.766,4	895,1	13.415,5	10.802,1	1.311,1	1.302,3
2021/22	1.302,3	10.780,5	1.337,3	13.420,1	10.506,4	2.067,1	846,6
2022/23	846,6	10.031,8	1.550,3	12.428,7	10.324,1	1.696,7	407,9
2023/24	407,9	10.585,5	1.700,0	12.693,4	11.000,0	1.300,0	393,4
2024/25 out/24	393,4	12.046,7	1.400,0	13.840,1	11.000,0	2.000,0	840,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2024.

Estoque de passagem - Arroz: 28 de fevereiro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).



FEIJÃO

ÁREA

2.880,1 mil ha

+0,8%

PRODUTIVIDADE

1.132 kg/ha

-0,3%

PRODUÇÃO

3.259,4 mil t

+0,5%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A cultura tem ampla importância na agricultura nacional, especialmente pela sua relevância na alimentação humana e, em particular, no hábito alimentar dos brasileiros. Seu alto valor nutricional e o seu “casamento perfeito” com o arroz faz da cultura uma das graníferas mais abrangentes pelo país, tendo produção nas cinco regiões e praticamente em todos os seus estados, considerando aqui os três grandes grupos acompanhados pela companhia (feijão-comum cores, feijão-comum preto e feijão-caupi).

Além dos fatores alimentícios, a cultura tem seu apelo agrônomo, principalmente pelo seu ciclo fenológico considerado mais curto e que possibilita ao produtor adequar melhor o seu plantio dentro de uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra cultivado entre janeiro e abril e o de terceira safra semeado de maio a julho.

FEIJÃO 3ª SAFRA - 2023/24

TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO TERCEIRA SAFRA – 2024/25

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	577,8	1.062	613,8
2018/19	581,0	1.253	728,0
2019/20	588,8	1.481	872,1
2020/21	567,8	1.373	779,6
2021/22	530,6	1.333	707,2
2022/23	516,0	1.559	804,4
2023/24	468,9	1.684	789,5

Fonte: Conab.

A colheita foi finalizada no país ainda em setembro. Alguns estados como Minas Gerais, Bahia, Alagoas, que apresentou redução de potencial produtivo significativo no último levantamento por conta da escassez hídrica nas lavouras tardias, especialmente nas fases de floração e enchimento de grãos, e Goiás estiveram com operações em curso até os últimos dias do último mês, uma vez que as operações e a maturação/secagem dos grãos foram benéficas por conta das condições climáticas registradas no período, porém o potencial produtivo das plantas que tiveram plantio mais tardio sofreu redução pelas altas temperaturas e pela restrição hídrica em muitas dessas localidades, mesmo nas lavouras que dispunham de irrigação complementar (os reservatórios apresentaram baixas significativas por conta do prolongado período de estiagem em algumas localidades). Ainda assim, o ciclo foi considerado satisfatório, com números de produção próximos ao alcançado na terceira safra da temporada 2022/23.

Os grandes estados produtores do período continuam sendo Bahia, São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Pernambuco, Ceará e Alagoas, com bons volumes produzidos em suas significativas áreas destinadas à cultura.

FEIJÃO 1ª SAFRA

TABELA 8 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA – 2024/25

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19		922,6	1.072	989,1
2019/20		914,5	1.209	1.105,6
2020/21		909,2	1.074	976,4
2021/22		909,3	1.036	941,8
2022/23		857,3	1.116	956,7
2023/24		861,1	1.094	942,3
2024/25	Out/24	881,3	1.075	947,3

Fonte: Conab.

A semeadura já foi iniciada em algumas regiões do país, especialmente nos estados da Região Sul. No entanto, ainda há locais produtores importantes que não começaram o plantio, especialmente naqueles locais que estão em pleno período de vazio sanitário, como Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal.

Os principais estados produtores desse primeiro ciclo são: Paraná, Minas Gerais e Bahia, mas também há produção em outras Unidades Federativas ao longo do país, ajudando a perfazer um volume importante do grão para a demanda interna e externa.

As primeiras previsões, em âmbito nacional, mostram uma intenção de plantio ligeiramente superior ao valor total de área plantada visualizado na temporada 2023/24. Embora essa não seja uma perspectiva observada em todos os estados produtores, Minas Gerais sinaliza redução nas suas estimativas de área em comparação ao ano anterior, é uma expectativa inicial apontada na maioria das regiões, tanto pelo fator de mercado, considerado atrativo para a cultura, bem como por questões de manejo e adequação do calendário de semeadura às condições climáticas atuais em relação ao plantio de outras culturas concorrentes.

ANÁLISE ESTADUAL

FEIJÃO-COMUM CORES

Minas Gerais: embora ainda não haja semeadura efetiva, já que o estado passa pelo período de vazio sanitário, a expectativa inicial é de redução na área plantada em relação à temporada passada, principalmente por fatores ligados ao risco climático, que uma cultura de ciclo curto tem nesse primeiro ciclo sem a irrigação complementar e em meio às oscilações visualizadas nos quesitos relacionados à pluviosidade e às temperaturas médias.

Além disso, há uma forte concorrência com outros cultivos, como soja e milho, que apresentam boa rentabilidade. E por fim, a realização de alguns ajustes metodológicos sobre o levantamento da cultura, com correções na base amostral dos dados, vislumbrando uma acurácia ainda maior das estimativas, especialmente de área plantada.

Bahia: esse período tem sido marcado pelo preparo das áreas a serem cultivadas, mas ainda sem efetivamente começar a semeadura. A escassez de chuvas nas principais regiões produtoras durante boa parte de setembro também foi um fator complicador para a iniciação do plantio, algo que deve ocorrer a partir de outubro.

Quanto à intenção de área plantada, há uma expectativa inicial de leve incremento em comparação ao ano passado em virtude da expansão de cultivo de feijão consorciado, principalmente com o milho, além de alta na comercialização do produto em âmbito regional, especialmente por incentivos oriundos de políticas públicas ao pequeno produtor.

Goiás: o período atual é de vazio sanitário para a cultura no estado, mas o preparo dos solos já vai sendo condicionado.

O clima seco e quente predominante em boa parte de setembro também seria um fator limitador para a implantação das lavouras. A expectativa dos produtores é que a estação chuvosa se inicie a partir de outubro e que isso viabilize a realização do plantio.

Paraná: durante o último mês ocorreram algumas precipitações que melhoraram as condições de disponibilidade hídrica nos solos, visto que na parte norte paranaense não foi suficiente para a regularização total da umidade nos solos.

As operações de plantio se intensificaram e está com 42% das áreas semeadas. O avanço das atividades poderia até ser maior, se não fosse a concentração das chuvas durante o mês e a reticência dos produtores de algumas regiões em razão do risco de ataque de mosca-branca.

As condições gerais das lavouras já implantadas são consideradas boas, com exceção de algumas áreas que por conta da escassez de chuvas e do calor intenso demonstraram apenas uma condição regular para a cultura em desenvolvimento. As fases fenológicas estão entre germinação, desenvolvimento vegetativo e floração.

São Paulo: a semeadura no estado é considerada mais adiantada que em grande parte do país, iniciando muitas vezes já ao fim de agosto/começo de setembro. Tal estratégia está relacionada a questões de mercado, visando propiciar a oferta do produto em um período com menor concorrência, já que a colheita ainda não se deu nas demais localidades produtoras.

Uma das principais regiões produtoras no estado é a de Paranapanema, justamente onde a semeadura costuma ser efetivada nesse caráter mais adiantado, lançando mão de irrigação suplementar para o período em que a estação chuvosa ainda não se estabeleceu.

A condição atual é de plantio já encerrado, com as lavouras, que são manejadas sob irrigação, majoritariamente, em pleno desenvolvimento vegetativo e reprodutivo. A área plantada será superior àquela visualizada em 2023/24, com pequeno incremento especialmente sobre lavouras antes cultivadas com milho.

Santa Catarina: o plantio nas regiões da Serra e dos Planaltos começou a ganhar força a partir de setembro em decorrência da chegada de precipitações em maiores volumes e condições de calor e umidade no solo, que favorecem o desenvolvimento inicial da cultura. A janela de plantio indicada para a região inicia em setembro e se estende até dezembro. No Meio-Oeste, a semeadura teve início no último decêndio de setembro, e soma pouco mais de 7% da área inicialmente projetada. As condições das lavouras são boas, beneficiadas pelas últimas chuvas e temperaturas amenas.

A estimativa inicial é de incremento na área plantada em relação à safra passada, principalmente pelos produtores estarem estimulados pela rentabilidade da cultura (também em comparação à outras graníferas que podem ser produzidas no período), assim como pelo uso do cultivo da leguminosa como forma de trato cultural para rotacionar as áreas de milho e diminuir a pressão da população de cigarrinha, que tem como alvo central o cereal.

No geral, o desenvolvimento inicial das áreas é considerado satisfatório, bem como a condição fitossanitária das lavouras.

Rio Grande do Sul: diferente do feijão-preto, a área cultivada com feijão cores no estado deverá apresentar aumento na área plantada em relação à safra anterior. A maior rentabilidade da cultura tem levado os produtores a realizar seu cultivo no Planalto Superior, região com condições edafoclimáticas

favoráveis à cultura. O uso de bom pacote tecnológico pelos produtores da região é importante para garantir um bom volume de produção. De maneira geral, a semeadura ocorre somente a partir de dezembro, após a colheita das culturas de inverno.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: o plantio se intensificou nas últimas semanas em decorrência da melhor condição climática, com maiores acumulados pluviométricos e a possibilidade de garantir umidade adequada aos solos para a semeadura e emergência das plantas.

As condições das lavouras estão classificadas entre boas e regulares, com essas últimas sendo assim consideradas por conta da escassez de chuvas e do calor intenso que acometeram essa pequena parcela de área e impactaram parte do desenvolvimento inicial das lavouras.

Santa Catarina: o plantio nas regiões da Serra e dos Planaltos começou a ganhar força a partir de setembro em decorrência da chegada de precipitações em maiores volumes e condições de calor e umidade no solo, que favorecem o desenvolvimento inicial da cultura. A janela de plantio indicada para a região inicia em setembro e se estenderá até dezembro. As condições das lavouras são boas, beneficiadas pelas últimas chuvas e temperaturas amenas.

A estimativa inicial é de incremento na área plantada em relação à safra passada, principalmente pelos produtores estarem estimulados pela rentabilidade da cultura (também em comparação à outras graníferas que podem ser produzidas no período), assim como pelo uso do cultivo da leguminosa como forma de trato cultural para rotacionar as áreas de milho

e diminuir a pressão da população de cigarrinha, que tem como alvo central o cereal.

No geral, o desenvolvimento inicial das áreas é considerado satisfatório, bem como a condição fitossanitária das lavouras.

Rio Grande do Sul: a área cultivada com feijão-preto tem apresentado uma tendência de redução nas safras recentes. A volatilidade do preço recebido pelo produtor e a maior rentabilidade da soja têm afastado o produtor da cultura. A exceção fica por conta do Planalto Superior, onde produtores mais tecnificados utilizam a cultura em seus sistemas de rotação de culturas e, com o uso de bom pacote tecnológico, obtêm boas produtividades.

A semeadura da cultura já iniciou no estado. Nas regiões mais quentes houve quem realizasse a semeadura ainda em agosto, mas a operação ganhou intensidade somente a partir da segunda quinzena de setembro. No momento do levantamento, a área semeada era de 37% do total previsto.

As primeiras lavouras semeadas apresentaram sintomas de estresse pelas baixas temperaturas ocorridas em alguns dias de setembro, mas a condição geral é considerada boa, principalmente pela emergência adequada observada. Tendo em vista que nas últimas semanas de setembro houve progresso significativo da semeadura, 43% das áreas ainda estão em processo de emergência. Os 57% restantes estão no desenvolvimento vegetativo.

Minas Gerais: embora ainda não haja semeadura efetiva, já que o estado passa pelo período de vazio sanitário, a expectativa inicial é de redução na área plantada em relação à temporada passada, principalmente por fatores ligados ao risco climático que uma cultura de ciclo curto tem nesse primeiro ciclo sem a irrigação complementar e em meio às oscilações visualizadas nos quesitos relacionados à pluviosidade e às temperaturas médias.

Além disso, há uma forte concorrência com outros cultivos como soja e milho, que apresentam boa rentabilidade. E, por fim, a realização de alguns ajustes metodológicos sobre o levantamento da cultura, com correções na base amostral dos dados, vislumbrando uma acurácia ainda maior das estimativas, especialmente de área plantada.

FEIJÃO-CAUPI

Piauí: a semeadura ainda não foi iniciada, devendo começar somente a partir de dezembro.

O estado, tradicionalmente, destina uma grande área para o cultivo da cultura, sendo o de maior área plantada com o feijão-caupi nesse primeiro ciclo, e as condições climáticas são determinantes, até mesmo na intenção de plantio, já que as lavouras são manejadas em sequeiro e pulverizadas por diversas regiões do estado, até mesmo por aquelas áreas mais áridas.

Bahia: o estado é, tradicionalmente, um dos maiores produtores de feijão-caupi na primeira safra, e, para o atual ciclo, a perspectiva se mantém, prevendo-se uma significativa área para a semeadura da cultura.

Neste início de ciclo, os esforços estão direcionados ao preparo das áreas a serem cultivadas, mas ainda sem efetivamente começar a semeadura. A escassez de chuvas nas principais regiões produtoras durante boa parte de setembro foi um dos fatores que inviabilizou a iniciação do plantio, algo que deve ocorrer a partir de outubro.

Maranhão: a cultura é cultivada, principalmente, pela agricultura familiar, utilizando-se de sistemas que, com baixa ou nenhuma tecnologia ou até mesmo cultivos consorciados, obtendo assim níveis menores de rendimento. Aliás, uma parcela significativa dos produtores utilizam-se de sementes



















doadas pelo governo do estado, banco de sementes ou mesmo grãos comprados em mercados para plantio. No entanto, para a presente safra, não há previsão de distribuição de sementes pelo governo.

Para o presente ciclo, o plantio tem previsão de iniciar a partir de outubro, com o início das chuvas, e deve se estender até 2024.

Minas Gerais: a semeadura ainda não foi iniciada, já que o vazio sanitário para o feijão está em vigência no estado. Há, no momento, apenas atividades relacionadas ao preparo dos solos e averiguações quanto à intenção de plantio, podendo essas estimativas prévias sofrer variações com o decorrer do ciclo, à medida que as condições como as de mercado e climatológicas forem se colocando como favoráveis ou desfavoráveis ao cultivo da cultura.

Mato Grosso: a cultura é bastante pontual na primeira safra, ficando restrita a pequenas áreas, mas que mantém um rendimento médio satisfatório e com boa qualidade para atendimento de uma demanda mais específica.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
			Baixa Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva
			Média Restrição - Excesso de Chuva
			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva
			Alta Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção %	Feijão primeira safra - Safra 2024/25								
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
PA	Nordeste Paraense	0,78				S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C
PI	Norte Piauiense	0,80				S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C
	Centro-Norte Piauiense	0,70				S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C
	Sudoeste Piauiense	2,27				S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Piauiense	1,08				S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C
	Extremo Oeste Baiano	10,49				S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
BA	Vale São-Franciscano da Bahia	0,78				S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C
	Centro Norte Baiano	0,70				S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C
	Centro Sul Baiano	2,68				S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	M/C
GO	Leste Goiano	5,90			S/E	DV/F	EG/M	EG/M/C	C		
	Sul Goiano	4,38			S/E	DV/F	EG/M	EG/M/C			
	Norte Goiano	2,05			S/E	E/DV	F/EG	F/EG/M	M/C		
DF	Distrito Federal	2,79				S/E/DV	F/EG	EG/M	M/C		
MG	Noroeste de Minas	7,05				S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C		
	Norte de Minas	2,19				S/E	S/E/DV	F/EG	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,94			S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C		
	Oeste de Minas	0,84			S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C		
	Sul/Sudoeste de Minas	2,66			S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C		
	Campo das Vertentes	2,29			S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C		
	Zona da Mata	1,32			S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C		
SP	Assis**	0,79	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C				
	Itapetininga**	1,20	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C				
	Macro Metropolitana Paulista	0,86			S/E	E/DV	F/EG/M	EG/M/C	C		
PR	Norte Pioneiro Paranaense	1,11		S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C			
	Centro Oriental Paranaense	4,84		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Oeste Paranaense	1,03		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Sudoeste Paranaense	0,75		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Centro-Sul Paranaense	2,39		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Sudeste Paranaense	9,43		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C		
	Metropolitana de Curitiba	3,12		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C		
	Oeste Catarinense	2,39		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
SC	Norte Catarinense	1,80		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Serrana	2,22		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Noroeste Rio-grandense	0,88		S/E	S/E/DV	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
RS	Nordeste Rio-grandense	2,84		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (*) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: * IBGE (PAM 2023) / Conab

Nota: ** Total ou parcialmente irrigado.

FEIJÃO 2ª SAFRA - 2024/25

Previsão de plantio para a safra 2024/25 apenas a partir de janeiro de 2025.

TABELA 9 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA – 2024/25











SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	1.418,6	917	1.300,4
2019/20	1.423,0	875	1.244,7
2020/21	1.446,4	787	1.137,8
2021/22	1.419,1	945	1.341,1
2022/23	1.326,2	962	1.275,8
2023/24	1.528,2	990	1.512,2
2024/25	Out/24	1.507,3	1.018
			1.534,3

Fonte: Conab.

FEIJÃO 3ª SAFRA - 2024/25

Previsão de plantio para a safra 2024/25 apenas a partir de maio de 2025.

QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica			
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção %	Feijão terceira safra - Safra 2023/24					
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
PE	Agreste Pernambucano	2,82	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C
BA	Nordeste Baiano	3,23	S/E	E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C
MT**	Norte Mato-grossense	17,47			S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C
	Sudeste Mato-grossense	1,44			S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C
GO**	Noroeste Goiano	5,80	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
	Norte Goiano	1,76	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
	Leste Goiano	9,83	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
	Sul Goiano	7,92	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
DF**	Distrito Federal	1,54	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
MG**	Noroeste de Minas	17,37	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,32	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C
SP**	Ribeirão Preto	1,77			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
	Bauru	6,08			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
	Campinas	1,10			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
	Itapetininga	9,94			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C

Legenda: Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de haver restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: * IBGE (PAM 2022) / Conab

Nota: ** Total ou parcialmente irrigado.

OFERTA E DEMANDA

FEIJÃO-COMUM CORES

O abastecimento do mercado está normal, e a oferta do produto recém-colhido, no atacado paulista, está sendo processada pela produção das regiões de Minas Gerais, Goiás, São Paulo e do Paraná.

Em setembro e início de outubro, com o avanço da colheita/comercialização oriunda da produção da terceira safra, em Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, e por último, na região nordeste da Bahia, a oferta aumentou e a demanda enfraqueceu, influenciando negativamente nas cotações.

A estratégia dos produtores na manutenção dos preços, reforçada pelas fracas negociações ocorridas no início do mês não teve êxito, e os valores recuaram. Setembro foi o mês que apresentou um maior volume de ofertas e, sobrepondo os interesses de compras, e o mercado segue com uma pressão baixista nas cotações.

Cabe frisar que a maior parte da demanda, tanto no atacado paulista como nas zonas de produção, é por produto comercial nota 8,5 para baixo, e a oferta é oriunda de Minas Gerais, Goiás, São Paulo, e em menor escala, Mato Grosso e Paraná. No geral, as mercadorias apresentam problemas de qualidade, como peneira baixa, bandinha, umidade baixa etc., em virtude do clima seco.

No entanto, notadamente neste período, boa parte da produção é obtida por produtores empresariais que, além de contar com uma melhor mercadoria, adotam a estratégia de escalonar as vendas, com o propósito de manter as cotações elevadas.

Nota-se que boa parte dos produtores continua indeciso nas negociações, uns se sentem forçados a vender boa parte da mercadoria, outros preferem aguardar um melhor momento para a comercialização, apostando numa maior valorização do produto.

O balizamento dos preços fica condicionado na quantidade a ser ofertada. A tendência é que a demanda aumente, forçando uma maior elevação dos preços. Todavia, muitas indústrias estão limitando suas compras com o propósito de frear as cotações, em face da relutância de repassar reajustes de preços ao varejo.

A expectativa dos preços fica condicionada no comportamento da demanda, vez que muitos comerciantes estão efetuando suas reposições apenas quando ocorre uma sinalização do varejo.

A temporada 2023/24 está chegando ao fim, e no ritmo em que se encontram as vendas, a oferta deverá continuar em novembro, com a safra das águas de São Paulo, que estará no começo. O mercado passa por um período de forte pressão baixista dos preços, e um dos principais motivos para esse comportamento está no volume reduzido de negociação para os produtos direcionados aos supermercados, que enfrentam certa dificuldade escoar os seus estoques.

FEIJÃO-COMUM PRETO

No atacado em São Paulo, o mercado está acomodado, e apesar da pouca oferta no disponível, a demanda segue retraída, registrando pequenas reduções. A saca para o produto tipo extra está valendo, em média, R\$ 380, e na fronteira com a Argentina cerca de US\$ 1.100 por tonelada.

No entanto, em virtude da desvalorização do real frente à moeda americana, ofertas decrescentes com a finalização da safra nacional, período de entressafra até dezembro deste ano, adversidades climáticas, retorno das férias escolares e menor oferta do produto argentino, a tendência é de preços aquecidos. No entanto, os preços mais em conta do feijão- carioca acabam diminuindo a demanda pelo feijão-preto, atenuando os movimentos de alta.

Em se tratando da balança comercial, de janeiro a setembro deste ano, foram importadas 18,6 mil toneladas, ou seja, 39,6 mil toneladas a menos que o volume registrado no mesmo período de 2023. Esta redução deve-se, em parte, ao volume recorde de produção colhido na segunda safra no Paraná, quantidade superior ao consumo estimado e o maior registrado na história. Quanto às exportações, de janeiro a setembro de 2024, foram exportadas 161,6 mil toneladas, bem acima das 73,8 mil toneladas no mesmo período de 2023. Em que pese os elevados preços praticados no mercado interno, o principal motivo para essa evolução foi a demanda atípica de feijão-preto por parte dos exportadores, que conseguiram fechar contratos principalmente para clientes argentinos.

Das exportações realizadas com o feijão-caupi, Mato Grosso foi o maior estado exportador, com 87% dos embarques realizados, e a Índia adquiriu 82%. Já, para o feijão-preto, 70% saíram do Paraná, com destino para o México (33%) e Venezuela (34%).

Neste ano verificou-se uma procura elevada e atípica de feijão-preto, sendo boa parte para composição de cestas básicas destinadas ao Rio Grande do Sul, estado que passou por fortes inundações entre o final de abril e início de maio. Desse modo, nem mesmo os altos preços praticados no mercado interno interferiram na demanda, já que as ações realizadas foram de suma importância para a manutenção do padrão de consumo.

Neste cenário, partindo-se do estoque inicial de 324,5 mil toneladas, considerando uma recuperação do consumo verificada no ciclo anterior, passando de 2,85 milhões de toneladas para 3,05 milhões de toneladas, as importações em 50 mil toneladas e as exportações de 169 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem na ordem de 414,9 mil toneladas, volume que deverá contribuir para a manutenção da normalidade do abastecimento interno.

TABELA 10 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2018/19	307,3	3.017,7	150,8	3.475,8	3.050,0	166,1	259,7
2019/20	259,7	3.222,1	113,6	3.595,4	3.150,0	176,7	268,7
2020/21	268,7	2.893,8	83,1	3.245,6	2.893,8	223,7	128,1
2021/22	128,1	2.990,2	76,1	3.194,4	2.850,0	136,1	208,3
2022/23	208,3	3.036,7	69,0	3.314,0	2.850,0	139,0	325,0
2023/24	325,0	3.243,9	33,0	3.601,9	3.050,0	227,4	324,5
2024/25 out/24	324,5	3.259,4	50,0	3.633,9	3.050,0	169,0	414,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2024.

Estoque de passagem - feijão: 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).



MILHO

ÁREA

21.002,1 mil ha

- 0,2%

PRODUTIVIDADE

5.701 kg/ha

+ 3,7%

PRODUÇÃO

119.739,1 mil t

+3,5%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

MILHO PRIMEIRA SAFRA - 2024/25

TABELA 11 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - MILHO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	4.103,9	6.249	25.646,7
2019/20	4.235,8	6.065	25.689,6
2020/21	4.348,4	5.686	24.726,5
2021/22	4.549,2	5.501	25.026,0
2022/23	4.444,0	6.160	27.373,2
2023/24	3.970,1	5.784	22.962,2
2024/25 Out./24	3.756,1	6.049	22.720,6

Fonte: Conab.

O plantio do milho primeira safra alcançou 25,9% da área prevista, em 6 de outubro, ritmo semelhante ao da safra passada. A semeadura, até o momento, concentra-se na Região Sul, onde as precipitações ocorridas permitiram a implantação e desenvolvimento inicial da cultura em boas condições. No Rio Grande do Sul, maior produtor do cereal na primeira safra, o plantio foi realizado em 73% da área prevista, superior aos 65% semeados na safra passada.

No Centro-Oeste e Sudeste, a semeadura ocorrerá após a volta e regularização das precipitações. Já nas Regiões Norte e Nordeste, o plantio começará a partir de novembro, prolongando-se até meados de março.

É estimado o plantio de 3.756,1 mil hectares, 5,4% inferior ao registrado na última safra. Essa redução de área é justificada pela conjuntura de mercado atual do milho, em que os agricultores optam por cultivar outras culturas.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: o primeiro levantamento e avaliação da safra 2024/25 confirmou a expectativa de redução da área cultivada com a cultura no estado. A queda em relação à safra passada é estimada em 11,7% e pode ser intensificada pela desistência de produtores que ainda não realizaram a semeadura, principalmente nos cultivos em sucessão à outra cultura. A estimativa atual indica para uma área cultivada de 719,3 mil hectares.

As razões apontadas pelos produtores e técnicos do setor são diversas, mas o custo de produção frente ao preço recebido pelo produtor são, sem dúvidas, o maior entrave para a produção do cereal. Além disso, também são apontados como motivadores da desistência: os insucessos consecutivos nas últimas safras, o risco de perda por eventual estiagem muito superior ao da soja, o recente aumento da pressão de cigarrinha nas lavouras, perdas causadas pela bacteriose, doença sem controle eficiente disponível aos produtores, e a maior rentabilidade da soja. A maior parte das áreas que deixarão de ser semeadas com milho serão cultivadas com soja.

A semeadura, que já havia sido realizada em 9% da área em agosto, seguiu evoluindo durante setembro. No momento da redação deste relatório, a área semeada alcançava 73% do total previsto para a safra 2024/25.

Das lavouras já semeadas, 82% das áreas já estão em desenvolvimento vegetativo e 18% ainda estão em emergência. O estabelecimento inicial, até o momento, é considerado satisfatório, apesar de problemas pontuais de germinação e emergência. No Alto Uruguai, o plantio já se encontra totalmente finalizado. As lavouras apresentam bom desenvolvimento mediante às chuvas que vêm ocorrendo de forma espaçada mas regular, encontram-se totalmente em desenvolvimento vegetativo. Na região sul, o plantio também já iniciou. As lavouras se encontram em germinação e início do desenvolvimento vegetativo, com bom desenvolvimento inicial e estande de plantas. Nas regiões Central e Fronteira Oeste, mais de 40% da área já foi semeada, enquanto que na região sul os trabalhos ainda não evoluíram significativamente em razão das chuvas naquela região terem sido mais recorrentes em setembro. No Planalto Superior, a operação também está no início, e os relatos indicam boas condições de solo para a realização da operação. Diante da alta pressão de cigarrinhas ocorrida na última safra, os agricultores realizam o monitoramento das lavouras e, em alguns casos, aplicações preventivas de inseticidas.

Paraná: durante setembro ocorreram algumas precipitações no estado, melhorando as condições de disponibilidade de água no solo, porém na parte norte paranaense as chuvas não foram suficientes para a regularização total. O plantio evoluiu bem em setembro, alcançando 60% da área prevista. Destaque para a redução da área que devido às questões mercadológicas, em relação à soja e ao feijão, resultaram numa redução de 13,2% na área cultivada com o cereal. As condições das lavouras são consideradas boas, na maioria das áreas, com exceção do norte do estado, onde o desenvolvimento da cultura começa a ser afetado pelo clima quente e seco.

Santa Catarina: na Serra e Planaltos do estado, o plantio avança, favorecido pelas chuvas dos dias 19 e 20 de setembro. As informações previamente

coletadas indicam redução de área em relação à safra anterior devido ao custo de produção do milho, ao histórico de incidência de cigarrinha e às frustrações dos produtores nos últimos anos.

No Meio-Oeste, a semeadura apresentou avanço nos últimos dias, principalmente após as chuvas ocorridas no último final de semana de setembro, alcançando 64% da área estimada. A condição das lavouras é considerada boa, e as mais adiantadas já estão recebendo adubação de cobertura e as primeiras aplicações de defensivos para prevenir o ataque de pragas, como a cigarrinha e outros insetos. As temperaturas amenas no início da primavera estão permitindo os produtores a implantar a cultura de forma mais rápida. Em torno de 57% da área já semeada encontra-se em germinação/emergência, e o restante em desenvolvimento vegetativo.

No extremo-Oeste, as condições climáticas permitiram a ampliação da semeadura para 40% da área projetada, embora esse percentual represente atraso na operação em relação às safras anteriores. A manutenção do teor de umidade do solo em níveis adequados favoreceu a germinação, a emergência e o crescimento vegetativo inicial da cultura. As lavouras apresentam desenvolvimento e estande de plantas satisfatórios. A emergência tem ocorrido de forma satisfatória, mas as lavouras que estão em desenvolvimento vegetativo já começam a apresentar enrolamento das folhas.

Minas Gerais: com um clima extremamente desfavorável, caracterizado por estiagem prolongada de aproximadamente 180 dias, em praticamente todo estado, e acompanhada de altas temperaturas, quando comparadas com as médias históricas para o período, resultaram em um acentuado déficit hídrico do solo e não permitiram o início das operações de semeadura do milho primeira safra.

Em algumas regiões do estado, há relatos de pequenos volumes de chuva isolados, de 20 mm a 30 mm, que, apesar de insuficientes, trazem alento para o campo e estimulam o início dos trabalhos de preparação dos cultivos por parte dos produtores rurais, enquanto aguardam a regularização das precipitações. Até mesmo as lavouras irrigadas deixaram de ser semeadas em razão das adversidades climáticas que prejudicaram os níveis dos reservatórios e dos cursos de água destinados a tal fim.

A procura e a oferta por insumos ocorrem normalmente na maioria dos municípios, a preços compatíveis com a safra passada. Observa-se, entretanto, certo receio na decisão pela lavoura a ser conduzida nesta safra devido às condições atuais de mercado, com os custos de produção ajustados aos preços de venda do cereal.

São Paulo: o milho primeira safra no estado vem perdendo espaço para o cultivo da soja e outras culturas. Os produtores que ainda se dedicam ao seu plantio destinam partes das suas áreas para a produção de sementes.

Goiás: durante setembro houve predominância de baixa umidade relativa do ar, precipitações escassas, ocorridas durante os últimos dias do mês, e temperaturas máximas próximas aos 40 °C em algumas regiões. Foram observadas queimadas em extensas áreas, prejudicando as condições físicas, químicas e biológicas dos solos, que receberão os cultivos de primeira safra. Os baixos volumes de precipitações ainda não foram suficientes para a elevação da umidade do solo e início de plantio. Tradicionalmente, o plantio do milho primeira safra ocorre, na maioria das áreas, após a finalização do plantio da soja. Dessa forma, os produtores aguardam melhores condições do tempo, com regularidade de chuvas e temperaturas mais amenas para o início efetivo de semeadura da safra.

Seguindo o movimento observado em safras anteriores, nota-se a tendência de leve redução nas áreas cultivadas com milho na primeira safra no estado. Esta redução está relacionada ao mercado do milho, além de aspectos como priorização do cultivo da soja na primeira safra e do milho em segunda safra e, ainda, incertezas em relação ao clima nos próximos meses.

Dentre os fatores que também contribuem para este fato, cabe destacar a preocupação dos produtores de milho em interromper o ciclo da cigarrinha durante a época dos plantios de verão, visando menor infestação durante o plantio da segunda safra. Apesar disso, ainda são previstos plantios destinados ao atendimento de demanda por etanol em áreas de usinas, principalmente na região sul, além de grãos a serem destinados à fabricação de ração em regiões próximas a granjas de aves.

Mato Grosso: o milho primeira safra se restringe a áreas bastante pontuais em Mato Grosso, para atendimento a demandas específicas, sendo o foco, neste momento, a semeadura da soja. O cenário de preços atuais do milho faz com que esta tendência não seja rompida, e apenas pequenas áreas serão semeadas, limitada à ínfima fração do espaço a ser alocado à cultura na segunda safra.

Mato Grosso do Sul: a semeadura do milho verão normalmente é realizada em meados de outubro e início de novembro nas regiões norte e oeste do estado. Devido aos índices pluviométricos registrados em setembro, produtores da região oeste deverão iniciar a semeadura na primeira quinzena de outubro. Na região norte não houve registros significativos de chuva durante esse período, e a semeadura deverá ocorrer só em novembro.

Distrito Federal: a área a ser semeada com milho na primeira safra, cujo início do plantio está previsto para outubro, está estimada em 16 mil hectares, incremento de 3,2%, comparando-se à cultivada no exercício anterior.

Bahia: há uma estimativa da redução de 3,9% da área de cultivo devido à rentabilidade do cereal, devendo estas áreas migrarem para o cultivo de soja e algodão. O plantio das lavouras de sequeiro não foi iniciado, aguardando-se o início e regularização das chuvas.

Piauí: o cultivo do milho de verão no estado se apresenta tanto na agricultura familiar quanto na empresarial. Em virtude da climatologia favorável, do manejo adequado e tecnologia empregada na região onde se concentra as áreas da agricultura empresarial, sudoeste, a produtividade tem se mantido elevada. O plantio da cultura será realizado, em quase sua totalidade, em dezembro.

Maranhão: no estado, existem cultivos da primeira safra realizados por pequenos, médios e grandes produtores, com baixo, médio e alto nível tecnológico, em cultivos solteiros ou consorciados. Para a safra 2024/25, a semeadura da primeira safra deve ocorrer entre novembro de 2024 e fevereiro de 2025. As primeiras implantações de lavouras ocorrem na região sul do estado, com o início das chuvas. Nas demais regiões, o plantio deve iniciar a partir da segunda quinzena de dezembro de 2024, a depender do regime de chuvas. A área de plantio da primeira safra de milho permanece estimada em 290,3 mil hectares.






Pará: nos principais polos de produção de milho primeira safra do estado, em Paragominas e Santarém, o plantio inicia a partir de meados de novembro e dezembro, após a regularização das chuvas. Em alguns pontos do estado, como a porção sul da BR-163 e de Redenção, ocorreram precipitações que favorecerão o plantio de áreas de milho pontuais.

Tocantins: apesar do registro de algumas precipitações no estado, o plantio ainda não foi iniciado, devendo ocorrer a partir de novembro. Vale ressaltar que está em processo de construção uma usina de etanol de milho no estado, com previsão de início de operação para o segundo semestre de 2026.

Rondônia: o início desta safra é de incertezas, com escassez hídrica e temperaturas elevadas. As primeiras chuvas só chegaram na última semana de setembro, e os produtores, em sua maioria, da agricultura familiar, aguardam pela estabilidade pluviométrica para iniciarem o plantio das lavouras.











Amazonas: o estado enfrenta uma forte estiagem, e o plantio do cereal só ocorrerá após a regularização das chuvas.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica														
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2024/2025											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense	1,85					S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C		
TO	Ocidental do Tocantins	0,90					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Oriental do Tocantins	0,63					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
MA	Oeste Maranhense	1,43					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Maranhense	0,58					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Leste Maranhense	0,49					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sul Maranhense	3,36				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PI	Sudoeste Piauiense	7,00				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano	8,11				S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense	0,77			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
GO	Centro Goiano	0,53			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
	Leste Goiano	1,89			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
	Sul Goiano	2,40			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		

Continua

Legenda - Condição hídrica

 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2024/2025											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
MG	Noroeste de Minas	3,35			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
	Norte de Minas	0,71			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	5,78			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
	Oeste de Minas	1,58			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Sul/Sudoeste de Minas	3,98			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Campo das Vertentes	2,15			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Zona da Mata	0,57			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		
SP	São José do Rio Preto	0,67			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Ribeirão Preto	0,65			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Bauru	0,98			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Campinas	1,57			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Itapetininga	2,00			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista	0,72			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
PR	Norte Pioneiro Paranaense	0,62			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro Oriental Paranaense	3,05		S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C		
	Oeste Paranaense	0,65		S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudoeste Paranaense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro-Sul Paranaense	3,74		S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudeste Paranaense	2,14		S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C		
	Metropolitana de Curitiba	1,78		S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C		
SC	Oeste Catarinense	5,02		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Norte Catarinense	1,26		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Serrana	1,70		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Vale do Itajaí	0,71		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sul Catarinense	0,49		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
RS	Noroeste Rio-grandense	8,44	S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Nordeste Rio-grandense	2,68		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,47	S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Metropolitana de Porto Alegre	0,59		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudoeste Rio-grandense	0,75	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudeste Rio-grandense	0,55		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * - IBGE (PAM 2023) / Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA - 2024/25

TABELA 12 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - MILHO SEGUNDA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)	
2018/19	12.878,0	5.682	73.177,7	
2019/20	13.755,9	5.456	75.053,2	
2020/21	14.999,6	4.050	60.741,6	
2021/22	16.369,3	5.247	85.892,4	
2022/23	17.192,7	5.954	102.365,1	
2023/24	16.437,4	5.491	90.255,0	
2024/25	Out./24	16.596,6	5.702	94.631,3


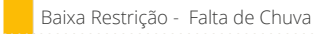
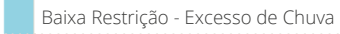
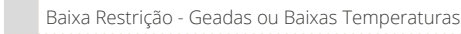
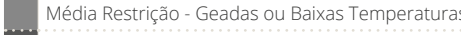





Fonte: Conab.

O plantio da segunda safra 2024/25 de milho deverá começar no final de dezembro, principalmente, no Mato Grosso e Paraná. Nas demais regiões ele será realizado entre o início de janeiro e meados de março. Essa situação poderá ser alterada devido à demora na regularização das chuvas em diversos estados, o que poderá atrasar a implantação das culturas de primeira safra, principalmente, a da soja.

É esperado o plantio de 16.596,6 mil hectares, área 1% superior à cultivada no último ciclo. Esse aumento mais tímido em relação a safras passadas é devido à conjuntura atual do milho.

Continua

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva						
	Alta Restrição - Falta de Chuva										
UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2023/2024								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Madeira-Guaporé	0,28		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
TO	Leste Rondoniense	1,40		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
MA	Baixo Amazonas	0,44		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	C	
PI	Sudeste Paraense	0,36		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	C	
BA	Ocidental do Tocantins	0,86	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C		
	Oriental do Tocantins	0,97	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C		
	Sul Maranhense - MA	0,98	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
CE	Sudoeste Piauiense	0,75		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Sertões Cearenses	0,25		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Norte Mato-grossense	32,46	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
RN	Nordeste Mato-grossense	6,02	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,74	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense	0,56	S/E		E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PB	Sudeste Mato-grossense	5,66	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	3,09	S/E		E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PE	Leste de Mato Grosso do Sul	1,02		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	10,92	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C		C
MT	Norte Goiano	0,30	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,36	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Leste Goiano	1,18	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	9,19	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Noroeste de Minas	0,76		S	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
GO	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,39		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Bauru	0,28		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MG	Assis	1,14		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Itapetininga	0,86		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
SP	Noroeste Paranaense	0,90		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Ocidental Paranaense	2,57		S/E/DV	E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Central Paranaense	3,42		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C
PR	Norte Pioneiro Paranaense	1,62		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Oeste Paranaense	5,22	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Paranaense	0,81	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	0,29	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * - IBGE (PAM 2022) / Conab.

MILHO TERCEIRA SAFRA - 2023/24

TABELA 13 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - MILHO TERCEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	511,0	2.385	1.218,7
2019/20	535,6	3.305	1.843,6
2020/21	595,6	2.734	1.628,5
2021/22	662,1	3.341	2.211,9
2022/23	632,5	3.406	2.154,4
2023/24	Set./24	651,0	2.505,9
	Out./24	643,3	2.485,6

Fonte: Conab.

A redução das precipitações, ocorridas a partir de agosto, provocaram antecipação da colheita na maioria das regiões produtoras. Algumas áreas semeadas tardiamente foram direcionadas para a produção de silagem. A colheita avança em todas as regiões, com produtividades diversas em virtude do pacote tecnológico usado e das precipitações ocorridas.

Nesta safra, a área de plantio foi de 643,3 mil hectares, e a produção é estimada em 2.485,6 mil toneladas.

Alagoas: as chuvas regulares e em volumes acima de 200 mm, que ocorram entre abril e junho, foram satisfatórias para as operações de plantio e manejo da cultura. No entanto, a partir da segunda quinzena de julho a pluviosidade foi reduzindo, e em agosto, observou-se redução drástica, com registros de precipitações em torno de 50 mm, afetando o final do ciclo da cultura.

Nesta safra, os produtores conseguiram aproveitar bem a janela de plantio, principalmente na região da bacia leiteira, onde as lavouras cultivadas nas primeiras chuvas de abril apresentaram ótimo desenvolvimento.











Entretanto, nas áreas semeadas a partir da segunda quinzena de maio, o desenvolvimento foi prejudicado pelo corte das chuvas em julho. Com isso, muitas áreas foram colhidas para silagem, impactando na produtividade final.

Pernambuco: no período de agosto a setembro, as condições climáticas apresentaram chuvas abaixo da média climatológica e altas temperaturas. Essas condições acentuaram o quadro de baixa umidade do solo, que impactaram algumas lavouras que ainda estavam em fase de enchimento de grãos. Mesmo assim, a safra do estado continua promissora, com expectativa de resultados superiores aos obtidos no último ciclo.

Bahia: na safra 2023/24 observou-se o aumento da área do milho terceira safra, principalmente sobre campos utilizados anteriormente para o cultivo de feijão no nordeste do estado. Isso ocorreu devido ao milho apresentar maior facilidade do cultivo, menor necessidade de mão de obra e maior expectativa de retorno financeiro, visto que a cultura foi mais rentável que o feijão nas últimas safras. Nesta safra, observou-se queda na produtividade, mas com dois cenários distintos, alta de 50% no nordeste, devido ao melhor regime hídrico, e redução de 7% no Oeste, devido a problemas fitossanitários. O clima seco tem favorecido a maturação e a colheita das lavouras.

Sergipe: em setembro, destacamos o início bem tímido da colheita, alcançando 3% da área total semeada. No geral, mesmo diante das adversidades climáticas relacionadas às poucas chuvas em algumas regiões, a qualidade do produto ainda é considerada boa, apesar das espigas menores em muitas áreas com maior redução de chuvas. A operação de colheita está ocorrendo sem imprevistos, e a previsão é que se encerre até dezembro.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica			
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho terceira safra - Safra 2023/2024									
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN
RR	Norte de Roraima	4,77		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C		
PE	Sertão Pernambucano	0,95	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Agreste Pernambucano	1,03	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
SE	Sertão Alagoano	0,32	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Agreste Alagoano	1,13	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Leste Alagoano	1,01	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Sertão Sergipano	21,54	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
	Agreste Sergipano	16,02	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
	Leste Sergipano	3,05	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
	Extremo Oeste Baiano**	1,75		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C		
BA	Nordeste Baiano	47,35	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	C
	Centro Norte Baiano	0,36	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2022) / Conab.

** Irrigado

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2024/25, a Conab prevê uma produção total de 119,7 milhões de toneladas de milho, um acréscimo esperado de 3,5%, comparada à safra anterior. Essa expansão na produção total é resultado principalmente da recuperação de produtividade esperada e do incremento de área de milho de segunda safra. Cabe destacar que a Conab projeta um acréscimo de 0,2% na área plantada total e de 3,7% da produtividade do setor.

Em relação aos dados da demanda doméstica, a companhia projeta que 87 milhões de toneladas de milho da safra 2024/25 deverão ser

consumidos internamente ao longo de 2024, ou seja, um aumento de 3,3%, comparativamente à safra anterior.

Sobre a balança comercial, a Conab projeta uma expansão do volume de importação total para a safra 2023/24, projetada em 1,9 milhão de toneladas do grão, em razão da perspectiva da menor produção nacional. Ademais, para a safra 2024/25, a estimativa é de estabilidade das importações do grão pelo Brasil. Para as exportações da safra 2023/24, com a menor oferta nacional, a Conab estima que 36 milhões de toneladas sairão do país via portos, sendo este volume 34,1% inferior ao estimado para a safra 2022/23. Para safra 2024/25, a perspectiva é de mais uma leve redução do volume exportado, dado os consistentes aumentos de demanda interna por milho nacional. Com isso, o estoque de milho em fevereiro de 2026, ou seja, ao fim do ano-safra 2024/25, deverá ser de 5 milhões de toneladas, sendo este montante 13,7% superior ao da safra 2023/24.

TABELA 14 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - MILHO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2018/19	14.558,9	100.042,7	1.596,4	116.198,0	61.937,4	41.074,0	13.186,6
2019/20	13.186,6	102.586,4	1.453,4	117.226,4	67.021,4	34.892,9	15.312,1
2020/21	15.312,1	87.096,8	3.090,7	105.499,6	71.168,6	20.815,7	13.515,3
2021/22	13.515,3	113.130,4	2.615,1	129.260,8	74.534,6	46.630,3	8.095,9
2022/23	8.095,9	131.892,6	1.313,2	141.301,7	79.598,9	54.634,4	7.068,4
2023/24	7.068,4	115.702,5	1.900,0	124.670,9	84.243,1	36.000,0	4.427,8
2024/25 out/24	4.427,8	119.739,1	1.900,0	126.066,9	87.030,3	34.000,0	5.036,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2024.

Estoque de passagem 31 de janeiro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA

47.331,8 mil ha

+ 2,8%

PRODUTIVIDADE

3.508 kg/ha

+ 9,6%

PRODUÇÃO

166.053,9 mil t

+12,7%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 15 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - SOJA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)	
2018/19	35.874,0	3.337	119.718,1	
2019/20	36.949,7	3.379	124.844,8	
2020/21	39.531,2	3.526	139.385,3	
2021/22	41.492,0	3.026	125.549,8	
2022/23	44.079,8	3.507	154.605,9	
2023/24	46.029,8	3.202	147.382,0	
2024/25	Out./24	47.331,8	3.508	166.053,9

Fonte: Conab.

O plantio da safra de soja 2024/25 teve seu início em alguns estados, porém ele se encontra atrasado em relação ao último ciclo devido às condições climáticas desfavoráveis, com precipitações irregulares, em volume e distribuição espacial, no Sudeste e Centro-Oeste. O plantio alcançou, em 6 de outubro, 4,2% da área prevista, contra 10,1% da área semeada na safra 2023/24. Paraná é o estado mais adiantado, com 22% da área semeada, enquanto Mato Grosso, maior produtor nacional, o plantio ficou mais restrito às áreas com suporte de irrigação e alcançou 3,7% da área semeada, contra 19,1% plantadas no mesmo período na safra 2023/24. São Paulo,

Minas Gerais, Goiás e Bahia também já começaram o semeio da oleaginosa, porém restrita às áreas irrigadas por pivô central.

Nesta safra está previsto o cultivo de 47.331,8 mil hectares com a oleaginosa, 2,8% superior ao da última safra. Esse avanço ocorrerá, principalmente, em áreas de pastagem degradadas e na troca do cultivo do milho pela soja em razão de sua maior rentabilidade atual.

A produção estimada é de 166.053,9 mil toneladas, 12,7% superior à da safra 2023/24. Esses números iniciais indicam uma possibilidade de novo recorde nesta safra que se inicia.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: com o término do vazio sanitário em 6 de setembro, a semeadura foi iniciada no estado, principalmente nas áreas irrigadas por pivôs centrais. No entanto, as condições favoráveis de umidade do solo, proporcionadas por chuvas de volumes satisfatórios em algumas regiões, permitiram o início das operações também nas áreas de sequeiro. Estima-se que aproximadamente 2,6% das áreas do estado tenham sido semeadas até o fim de setembro. Tradicionalmente, o plantio da leguminosa ganha maior tração em outubro, quando as precipitações tendem a se estabilizarem em volume e frequência. O clima tem sido o principal fator limitante para o avanço da semeadura da oleaginosa, resultando em um progresso inferior ao observado no mesmo período da safra anterior.

Paraná: durante o mês ocorreram precipitações com bom volume e boa distribuição espacial, melhorando as condições de disponibilidade de água no solo, porém na parte norte do estado elas ainda não foram suficientes para a regularização desta. O plantio alcança 10% da área estimada de cultivo, e a cultura se encontra nos estádios de germinação e desenvolvimento vegetativo, apresentando boas condições.

Mato Grosso do Sul: a região norte do estado normalmente inicia a semeadura já no encerramento do vazio sanitário, porém ainda não recebeu precipitações que permitam o início da operação agrícola, visto que está com 160 dias sem chuvas significativas, com impacto até nas dessecações que estão atrasadas em decorrência das condições climáticas desfavoráveis. Ao contrário do norte, as outras regiões apresentaram chuvas significativas, e uma parcela de produtores, ainda que de forma meticulosa, já iniciou parte da semeadura.

Rio Grande do Sul: a principal cultura do estado deve apresentar novo incremento na área cultivada, para a safra 2024/25, chegando a 6.841,6 mil hectares, 1,1% superior ao da safra passada. O aumento da área se dará, principalmente, sobre a redução da área de milho na metade norte do estado, mas também pela expansão da cultura na metade sul, em áreas onde os produtores já possuíam um planejamento prévio de crescimento da área cultivada.

O aumento só não será maior devido à redução da rentabilidade do cultivo da soja e pelo bom preço recebido pelo produtor de arroz, fazendo com que a área de soja em rotação com arroz apresentasse redução em relação à safra passada. A semeadura da cultura ainda não foi iniciada, mas os produtores já realizam o preparo das primeiras áreas a serem cultivadas. A operação deve iniciar, de forma tímida, no primeiro decêndio de outubro, e deve ganhar intensidade apenas no último decêndio do mês.

Santa Catarina: durante o levantamento, ainda não havia iniciado o plantio devido ao novo calendário do vazio sanitário que finalizou em 1º de outubro. Dessa forma, a semeadura deverá se concentrar em outubro e novembro, período mais recomendado para o plantio.

Goiás: apesar do fim do período de vazio sanitário ocorrido em 24 de setembro de 2024, ainda não foram obtidas informações sobre áreas significativas de plantio de soja nesta safra devido à ausência de precipitações significativas, uma vez que o início da semeadura deve ocorrer a partir do fim da primeira quinzena de outubro, quando é esperada a maior regularidade das chuvas.

As queimadas ocorridas em muitas regiões do estado durante agosto e, principalmente, setembro, foram o principal fator responsável pelo aumento da estimativa de porcentagem de áreas consideradas como em sistemas de manejo de plantio convencional, com gradeamento das áreas, ou semidireto, onde muitas vezes o produtor não revolverá o solo, porém já não contará com a palhada que seria necessária para um sistema de plantio direto. Este fato surge como uma preocupação a mais em algumas localidades, uma vez que o fogo além do prejuízo para a palhada, representa perdas para a biologia e fertilidade do solo.

Minas Gerais: neste primeiro levantamento constatamos que a área de cultivo da soja segue expandindo, principalmente sobre áreas de pastagens degradadas, e o aumento esperado de área estimado em 3,2%. No entanto, vale salientar que a oleaginosa perdeu espaço pontualmente em alguns municípios, fruto dos resultados da última safra, marcada por margens estreitas para a cultura ou até por prejuízos, devido às cotações pressionadas e às adversidades climáticas. Nestes municípios a soja está dando espaço para o cultivo da cana-de-açúcar, café e citros. Nesta safra, há um leve atraso na

semeadura da oleaginosa em razão da baixa umidade do solo e da previsão de chuvas regulares somente a partir da segunda quinzena de outubro.

São Paulo: os produtores aguardam a regularização das precipitações para dar início ao plantio no estado e é esperado um pequeno aumento da área cultivada.

Distrito Federal: neste primeiro levantamento, aponta uma redução média na área na ordem de 0,9%, comparativamente à safra passada. A redução prevista refere-se ao aumento de área de cultivo do milho primeira safra.

Os produtores brasileiros estão preparados para iniciar a semeadura da nova safra de soja, aguardando o encerramento do vazio sanitário, que foi até 30 de setembro, e o aumento da umidade no solo, criando condições mínimas para germinação das sementes.

Bahia: o cultivo irrigado foi iniciado e é esperada alta na área cultivada. A antecipação do plantio em uma semana favorece o plantio do algodão em sucessão a soja. As lavouras de sequeiro devem ser semeadas no fim de outubro, com o início da estação chuvosa.

Maranhão: o plantio da soja está previsto para iniciar em outubro de 2024, na região dos Gerais de Balsas, no sul maranhense, e se estenderá até março de 2025. Todas as regiões produtoras de soja se encontravam no período de vazio sanitário vegetal da cultura durante o levantamento.

Piauí: a semeadura da cultura no estado acontece em quase sua totalidade em novembro. Para a safra 2024/25, a perspectiva aponta para um aumento de área em 5,6%.

Alagoas: ainda monitorando a safra 2023/24, a cultura chegou na sua fase final em boas condições, visto que ao longo do ciclo os volumes de chuvas foram satisfatórios desde o período de plantio até enchimento dos grãos (R5). Nesta fase, a falta de chuvas impediu a completa expressão do potencial do grão. Apesar disso, a produtividade foi 6% maior em relação ao levantamento anterior. Isso é devido ao fato de a cultura não ter sofrido com ocorrências de pragas, além dos produtores terem realizado os tratamentos culturais no período adequado.

Tocantins: a semeadura ocorrerá a partir de outubro, e o ritmo de plantio irá depender da regularidade das chuvas. Ele se estenderá até 15 de janeiro.











Pará: a cultura tem estimativa de crescimento de área, principalmente, com a incorporação de áreas de pastagem degradadas e anteriormente dedicadas ao cultivo de milho. Devido a sua grande extensão, o plantio da soja ocorre em diferentes épocas, iniciado na região da BR-163 e prestes a começar na região de Redenção e Santana do Araguaia.

Rondônia: a maioria das áreas para plantio está preparada e à espera da estabilidade das chuvas para iniciar a implantação da cultura. Foi observado em campo um aumento de áreas destinadas ao cultivo destes grãos.

Acre: o plantio foi iniciado, pontualmente, devido às condições climáticas desfavoráveis, com precipitações abaixo do normal, que não foram suficientes para elevar a umidade no solo para níveis suficientes para um bom estabelecimento das lavouras.

Roraima: na safra 2023/24, as boas precipitações ocorridas durante o ciclo da oleaginosa favoreceram o desenvolvimento da cultura em todo o estado. A colheita se aproxima do fim, com produtividades superiores às obtidas na última safra.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica			
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2024/2025								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
RO	Leste Rondoniense	1,01		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	M/C	C		
PA	Sudeste Paraense	1,67			E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	1,65		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Oriental do Tocantins	1,21		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
MA	Sul Maranhense	1,43		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense	2,17		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	5,09		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense	17,98	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	5,95		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,76	S/E	S/E/DV	DV/F	F	EG/M/C	M/C	C		
	Sudeste Mato-grossense	3,97	S/E	S/E/DV	DV/F	F	EG/M/C	M/C	C		
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,07		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,24		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	5,88	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
GO	Noroeste Goiano	0,69		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,65		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,85		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	7,72		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas	1,60		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,74		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
SP	Assis	0,77									
	Itapetininga	0,91		S/E/DV	E/DV/F	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PR	Centro Ocidental Paranaense	1,86	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	2,47		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense	1,24		S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense	1,31		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Oeste Paranaense	2,13	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	1,31	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	1,83		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Paranaense	0,92		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C
SC	Oeste Catarinense	0,95		S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense	4,07		S	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Nordeste Rio-grandense	0,71		S	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,87		S	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Rio-grandense	0,87		S	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	1,10		S	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: - IBGE (PAM 2023) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

SAFRA 2023/24

SOJA EM GRÃOS

Com a colheita já concluída, a Conab manteve a produção da safra 2023/24 em 147,38 milhões de toneladas, uma queda de 4,7% em relação à safra anterior (2022/23). Devido a essa redução na produção, as importações para 2024 estão projetadas em um valor elevado, possivelmente alcançando ou superando 1 milhão de toneladas.

Além disso, houve um pequeno ajuste estatístico de -78 mil toneladas no volume de esmagamento, resultado da redução nas exportações de óleo de soja em comparação com o previsto. Com isso, os estoques finais passam a ser de 3,36 milhões de toneladas.

FARELO DE SOJA

As exportações de farelo de soja estão significativamente altas, superando o patamar do mesmo período em 2023, quando a quebra de safra na Argentina impulsionou as exportações brasileiras. No entanto, a tendência para os próximos meses indica uma queda nas exportações, em comparação a 2023. Assim, a estimativa atual de exportação, inicialmente prevista em 20 milhões de toneladas, foi ajustada para 22 milhões de toneladas, o que reduziu os estoques estimados em 2 milhões de toneladas.

ÓLEO DE SOJA

Já as exportações de óleo de soja em 2024 estão bem abaixo das de 2023, estimadas em apenas 1,5 milhão de toneladas. Com base nos dados de produção de biodiesel fornecidos pela Agência Nacional do Petróleo (ANP), o consumo interno de óleo de soja atingirá 9,5 milhões de toneladas, um aumento de 244 mil toneladas em relação ao relatório anterior.

SAFRA 2024/25

SOJA EM GRÃOS

A estimativa inicial de área plantada é de 47,33 milhões de hectares, representando um aumento de 2,8% em relação à safra 2023/24. Esse aumento percentual é o menor dos últimos seis anos, reflexo da pressão dos baixos preços internacionais de 2024 e da expectativa de queda de preços para 2025. A produtividade é estimada em 3.508 kg/ha, o que projeta uma produção recorde de 166,05 milhões de toneladas.

As importações são previstas em 500 mil toneladas, enquanto o esmagamento deverá alcançar 56,6 milhões de toneladas, um aumento de 8%, impulsionado pela elevação esperada na mistura de biodiesel ao diesel, de 14% para 15%.

As exportações de soja em grãos para 2025 estão projetadas em 105,54 milhões de toneladas, com base no aumento da produção e da demanda mundial, especialmente da China. Os estoques finais estão estimados em 4,16 milhões de toneladas.

FARELO DE SOJA

A produção de farelo na safra 2024/25 está projetada em 43,31 milhões de toneladas, um aumento de 8% em relação à safra anterior. O consumo interno também deverá crescer, de 18 milhões de toneladas em 2023/24 para 19 milhões de toneladas em 2024/25, motivado por um aumento de consumo para a produção de carnes. As exportações de farelo permanecerão aquecidas, estimadas em 22 milhões de toneladas.

ÓLEO DE SOJA

A produção de óleo de soja em 2025 deve crescer 10% em relação a 2024, atingindo 11,42 milhões de toneladas. Esse aumento é atribuído à elevação da mistura de biodiesel para 15%. O consumo interno está previsto para atingir 10,11 milhões de toneladas, um aumento de 6%, enquanto as exportações devem totalizar 1,4 milhão de toneladas, e os estoques finais estão projetados em 301 mil toneladas.

TABELA 16 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃOS	2023/24	3.298,2	147.382,0	1.000,0	151.680,2	55.886,7	92.434,4	3.359,1
	2024/25	3.359,1	166.053,9	500,0	169.913,0	60.203,2	105.540,9	4.169,0
FARELO	2023/24	1.871,0	40.132,8	0,4	42.004,2	18.000,0	22.000,0	2.004,2
	2024/25	2.004,2	43.309,2	1,0	45.314,5	19.000,0	22.000,0	4.314,5
ÓLEO	2023/24	311,2	10.596,6	90,0	10.997,8	9.506,0	1.150,0	341,8
	2024/25	341,8	11.424,5	50,0	11.816,3	10.115,0	1.400,0	301,3

Fonte: Conab e Secex.

Nota: Estimativa em outubro/2024.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA

3.068,8 mil ha

-11,6%

PRODUTIVIDADE

2.693 kg/ha

+ 15,5%

PRODUÇÃO

8.263,7 mil t

+ 2,1%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 17 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - TRIGO

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)	
2018	2.042,4	2.657	5.427,6	
2019	2.040,5	2.526	5.154,7	
2020	2.341,5	2.663	6.234,6	
2021	2.739,3	2.803	7.679,4	
2022	3.086,2	3.420	10.554,4	
2023	3.473,4	2.331	8.096,8	
2024	Set./24	3.068,8	2.870	8.807,3
	Out./24	3.068,8	2.693	8.263,7

Fonte: Conab.

Em relação ao levantamento passado, a redução da produtividade no Paraná impulsiona a queda da produção nacional, entretanto, se comparada à safra 2023, há aumento, com previsão de 8.263,7 mil toneladas do grão. Com aproximadamente 35% da safra colhida, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e Bahia encerraram a colheita.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: as lavouras sinalizam uma safra dentro da normalidade, cujos resultados esperados são superiores aos da safra anterior, principalmente quanto à qualidade do produto colhido.

Os danos causados por ventos e chuvas fortes recentes e as geadas anteriores, não afetaram a normalidade. Pontualmente, algumas lavouras têm sentido a escassez de chuvas regulares, afetando o desenvolvimento das plantas. Temperaturas baixas e umidade sem excessos colaboraram para o porte baixo do trigo, mas esse comportamento não significa influência direta na produtividade, pelo contrário, plantas mais resistentes diminuem o acamamento do trigo e produzem espigas mais vigorosas.

No campo, continuam os tratamentos culturais como a aplicação de fungicidas para controlar o oídio (*Blumeria graminis*) e outras doenças fúngicas, bem como a aplicação de inseticidas para o controle do pulgão das folhas e da espiga (*Schizaphis graminum* e *Rhopalosiphum padi*).

Paraná: durante setembro, ocorreram algumas precipitações, melhorando as condições de disponibilidade de água no solo, visto que na parte norte não foi suficiente para regularização total.

A cultura já tem 65% da área colhida. A redução de produtividade deve-se a problemas climáticos durante o ciclo, como estiagem no início e a falta de clima frio predominante, pois foram vários períodos quentes neste inverno, além da ocorrência de dois períodos de geadas em agosto, e ocorrência de doenças como oídio, giberella e brusone.

São Paulo: o cereal se encontra com 75% colhido. A produção para esta safra é menor que o ciclo anterior, pois o trigo sofreu ao longo do seu

desenvolvimento, principalmente na sua granação, por falta de umidade. Por outro lado, o produto apresenta boa qualidade.

A redução da produção, em relação à safra passada, é influenciada pela queda da produtividade, uma vez que a área manteve-se constante.

Santa Catarina: na Serra e Planaltos, os cultivos se encaminham para o fim do desenvolvimento vegetativo, com aproximadamente 20% das lavouras nessa fase. Até o momento, a cultura está em boas condições de desenvolvimento, mantendo o potencial produtivo dentro do esperado. No aspecto fitossanitário, há o registro de doenças fúngicas foliares, principalmente, oídio. Segundo a metodologia adotada pelo Zoneamento Agrícola de Risco Climático (Zarc), os maiores riscos de perda de produção na cultura estão relacionados à geada no espigamento e ao excesso de chuva/umidade na fase inicial de enchimento de grãos.

No Meio-Oeste, as lavouras estão se desenvolvendo de forma normal, e sua qualidade é considerada boa, até o momento, com algumas exceções em relação ao ataque de doenças, principalmente, o oídio, e algumas pragas, como pulgões. A proliferação de ambos os patógenos foi beneficiada pela menor frequência e intensidade das chuvas em alguns locais.

As geadas ocorridas durante o emborrachamento de algumas lavouras não causaram danos significativos. As chuvas ocorridas na última semana de setembro foram positivas para as lavouras, pois permitiram a finalização da adubação de cobertura em lavouras mais tardias, além de disponibilizar água para a formação de grãos nas mais adiantadas e a redução mecânica da infestação de pragas foliares, como os pulgões.

No Extremo-Oeste, as lavouras estão finalizando o desenvolvimento vegetativo, com cerca de 40% das lavouras em florescimento e 25 % em

enchimento de grãos. As lavouras foram favorecidas pela elevada radiação solar e pelas precipitações leves ocorridas em setembro. Entretanto, mesmo com o manejo fitossanitário feito de forma preventiva e associado à intensificação nas aplicações de fungicidas, o avanço do oídio em algumas lavouras continua e tem sido relatado como a principal preocupação fitossanitária devido ao impacto significativo na redução da área foliar.

As baixas temperaturas ocorridas em agosto e setembro favoreceram o bom perfilhamento e desenvolvimento das plantas. As primeiras áreas plantadas com variedades precoces entraram em desenvolvimento reprodutivo, e os produtores estão preocupados com a previsão de baixas temperaturas e formação de geadas tardias, que podem prejudicar a formação de grãos. No entanto, até o momento, as geadas ocorridas não impactaram as condições das lavouras. A sanidade e o desenvolvimento das lavouras são considerados bons. De maneira geral, a cultura se desenvolve de forma satisfatória.

Minas Gerais: com a colheita das áreas de sequeiro praticamente encerradas no último levantamento, foi acompanhado em setembro o andamento das operações nas áreas irrigadas. A colheita das áreas irrigadas finalizou no início da segunda quinzena de setembro, apresentando melhorias no rendimento, principalmente nas lavouras localizadas na região noroeste.

Registra-se qualidade elevada nas áreas irrigadas. Já as áreas de sequeiro foram severamente impactadas pelas altas temperaturas e a falta de umidade, que resultaram em lavouras de baixo estande, perfilhamento reduzido e espigas pequenas.

As quebras se concentraram principalmente nas áreas do triângulo mineiro e Alto Paranaíba. Isso posto, encerrou-se a safra 2024, com uma produção de 405,8 toneladas de trigo.

Goiás: durante setembro, o tempo quente e seco favoreceram a finalização da maturação, assim como o bom andamento da colheita sob cultivo irrigado. As altas temperaturas no final de ciclo também favoreceram o manejo de doenças fúngicas, contribuindo para obtenção de boas produtividades.

Mato Grosso do Sul: o comportamento climático de setembro, praticamente não influenciou os cultivos de trigo, uma vez que as lavouras já estavam finalizando a colheita e as perdas já tinham sido contabilizadas.












O trigo foi a cultura mais afetada pelas instabilidades climáticas ocorridas em praticamente todo o seu ciclo vegetativo. Além do prejuízo, o evento climático adiantou o ciclo devido às altas temperaturas e, conseqüentemente, causando a maturação precoce das plantas. Desse modo, a colheita foi finalizada antes do tempo previsto, e parte da safra foi classificada com a redução de falling number e peso hectolitro abaixo do padrão comercial.

O peso e a qualidade do cereal nesta safra ficaram abaixo do padrão comercial. Diante deste cenário, devido à classificação do peso hectolitro não atender aos padrões preestabelecidos, grande parte do cereal produzido foi destinado à alimentação animal.

Bahia: na safra atual, observou-se a redução da área cultivada devido à dificuldade na comercialização da produção e à manutenção da produtividade da safra passada devido ao controle de fatores de produção. A falta de chuva e alta luminosidade favoreceram o desenvolvimento das lavouras irrigadas.

No momento do levantamento, as lavouras estavam em fase final de maturação e colheita. As lavouras apresentam ótima qualidade, beneficiada pela alta luminosidade e à ocorrência de noites frias. Não há perdas expressivas pelo ataque de pragas e doenças.

QUADRO 9 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões-	Produção* %	Trigo - Safra 2024											
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ			
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,49	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C						
GO	Leste Goiano**	0,60	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C						
MG	Noroeste de Minas**	0,55	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba**	1,40	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas	0,53	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C						
SP	Campo das Vertentes	0,53	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C						
	Bauru	0,83	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C						
PR	Itapetininga	3,57	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C						
	Centro Ocidental Paranaense	2,68	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C					
PR	Norte Central Paranaense	5,37		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense	4,20	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C						
	Centro Oriental Paranaense	5,89		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense	4,01	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	5,46		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense	4,64			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C				
	Sudeste Paranaense	1,69			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C				
	Metropolitana de Curitiba	0,86			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C				
SC	Oeste Catarinense	2,41		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Norte Catarinense	0,68		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Serrana	1,05		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense	38,79		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense	2,35			S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense	3,86		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense	1,17		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense	4,09		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	C				
	Sudeste Rio-grandense	0,83		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	C				

Legenda: (PS)=pré-semearia; (S)=semearia; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * - IBGE (PAM 2022) / Conab.

Nota: ** - Parte irrigado.

OFERTA E DEMANDA

Em setembro de 2024, com a escassa oferta interna de trigo da nova safra, com os danos causados pelas adversidades climáticas no Paraná o mercado doméstico apresentou valorizações, visto que no Paraná, a média mensal foi cotada a R\$

78,94 a saca de 60 quilos, apresentando incremento mensal de 3,76%. Já no Rio Grande do Sul, a média mensal foi de R\$ 69,21 a saca de 60 quilos, com valorização de 0,02%.

No mercado internacional, as adversidades climáticas em importantes regiões produtoras mundiais como Rússia, Europa, Estados Unidos, Austrália e Argentina e finalização da colheita no Hemisfério Norte, atuaram como fatores de valorização de 6,18% das cotações, sendo a média mensal de US\$ 268,21 a tonelada.

Em setembro de 2024, o Brasil importou 592,1 mil toneladas de trigo. A Conab revisou os números referentes à produtividade e produção da safra 2024/25. A estimativa é que sejam colhidas 8.263,7 mil toneladas (+2,1%), com produtividade de 2.693 kg/ha (+15,5%). Com a redução da oferta interna, a estimativa é encerrar a safra com estoques finais de 877,1 mil toneladas.

TABELA 18 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2018	2.387,4	5.427,6	6.738,6	14.553,6	11.360,8	582,9	2.609,9
2019	2.609,9	5.154,7	6.676,7	14.441,3	11.860,6	342,3	2.238,4
2020	2.238,4	6.234,6	6.007,8	14.480,8	11.599,0	823,1	2.058,7
2021	2.058,7	7.679,4	6.080,1	15.818,2	11.849,8	3.045,9	922,5
2022	922,5	10.554,4	4.514,2	15.991,1	11.894,1	2.656,6	1.440,4
2023*	1.440,4	8.096,8	5.702,6	15.239,8	11.943,6	2.790,9	505,3
2024**	set/24	505,3	8.807,3	6.000,0	15.312,6	11.892,0	1.420,6
	out/24	505,3	8.263,7	6.000,0	14.769,0	11.891,9	877,1

Legenda: Estimativa em outubro/2024. *Estimativa **Previsão

Fonte: Conab.

Estoque de Passagem - Trigo 31 de Julho.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

Mato Grosso do Sul: as chuvas ocorridas na primeira quinzena de setembro favoreceram o preparo do solo e também permitiram a semeadura dos primeiros talhões no estado. O forte calor no final do último mês ainda não afetou as plântulas, mas há uma demanda hídrica que precisa ser atendida para garantir uma boa emergência e um bom desenvolvimento vegetativo das lavouras.

Há um estímulo para o cultivo da cultura no estado, tanto pelos preços atuais serem considerados atraentes como também construção de uma indústria processadora em uma das regiões produtoras, aumentando o mercado para o produto e permitindo agregar valor com a fabricação de derivados.

Paraná: Durante o último mês ocorreram algumas precipitações que ajudaram a melhorar a disponibilidade de água no solo, exceção feita à região norte paranaense, onde as precipitações ainda não foram suficientes para regularizar os teores de umidade nos solos.

O plantio da cultura ainda está bem incipiente, concentrado mais nas regiões de Campo Mourão e Francisco Beltrão, que têm melhores condições climáticas para as operações. As fases atuais são emergência e desenvolvimento vegetativo, com boas condições das lavouras já plantadas.

A produção desta cultura tem predomínio na região noroeste do Paraná (Paranavaí e Umuarama), focado em produção para indústria de doces e

fracionado para venda varejista. As demais regiões têm característica mais de subsistência e produção para pequenas fábricas de doces, comércio varejista e feiras.

MAMONA

Bahia: a elevação na cotação atual do produto (a queda na produção na safra passada reduziu a oferta e influenciou essa alta dos preços) gera um incentivo para o cultivo da oleaginosa e até de uma eventual expansão de área plantada em comparação ao ano passado, principalmente sobre as áreas antes destinadas ao feijão e ao milho. Observa-se também a prática da rotação de cultura, alternando o cultivo da mamoneira com cebola, milho e feijão.

As lavouras irrigadas estão distribuídas na localidade de Irecê e Chapada Diamantina, uma vez que o desenvolvimento das plantas tem sido bom, com alto vigor. As lavouras de sequeiro apresentam-se em situação de estresse hídrico, mas resistindo à condição de falta de umidade. Com o retorno das chuvas em outubro espera-se a recuperação das lavouras e o plantio de novos campos.

Nos últimos trinta dias houve registro de poucas chuvas nas regiões onde tradicionalmente se produz a cultura. O clima seco e a alta luminosidade favorecem o desenvolvimento das lavouras de mamona irrigada, e o estresse hídrico limitam o desenvolvimento das lavouras de mamona de sequeiro.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

AVEIA-BRANCA

Rio Grande do Sul: a semeadura foi concluída em julho. A evolução da semeadura se deu em apenas 15% da área em maio, 70% em junho (sendo que a maior parte foi semeada na primeira quinzena) e 15% em julho (período em que as atividades se concentraram nas regiões mais frias do estado).

No levantamento, realizado no final de agosto, constatou-se que as lavouras apresentam condições normais, em algumas houve perdas e em outras houve melhora significativa na condição fitossanitária, assim, mantemos a expectativa de produtividade inicial da cultura para a safra de inverno 2024.

No campo o que se nota é que em algumas regiões, e/ou áreas pontuais, as dificuldades para realização da semeadura e para o estabelecimento inicial das lavouras, como erosão dos sulcos de semeadura e alagamento das lavouras, apresentam seus impactos negativos no desenvolvimento das áreas, assim como o período de dias nublados após a emergência das primeiras áreas semeadas, que reflete em um porte menor das plantas.

Outro fator de perdas nas lavouras foram as geadas ocorridas durante agosto, quando 20% das áreas atingiu o florescimento, período mais crítico para perdas por este tipo de evento climático.

Em contrapartida, a mudança das condições meteorológicas a partir da segunda quinzena de julho proporcionaram bom desenvolvimento das plantas e boa eficiência dos tratamentos culturais, como a aplicação de fertilizante

nitrogenado e dos inseticidas e fungicidas.

No período de realização deste levantamento as áreas se dividiam em vários estádios fenológicos: 9% já estavam no enchimento de grãos, 11% em florescimento e as 80% restantes estavam em desenvolvimento vegetativo.

Entre as áreas em desenvolvimento vegetativo, predomina a fase pré-florescimento (alongamento dos entrenós e emborrachamento) com 43% das áreas. As demais estavam divididas em perfilhamento (29%) e desenvolvimento vegetativo inicial (8%).

Paraná: o clima para todas as culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), procedeu-se da seguinte forma: Na maior parte do presente ano, o clima apresentado foi de volumes de chuvas escassas, bem como, altas temperaturas, inclusive durante a presente estação de inverno.

Porém, nas últimas ondas de frio, ocorridas neste em agosto, foram registradas baixas temperaturas, que acarretaram a ocorrência de geadas em várias regiões do estado. Agosto contou com dias muito quentes e outros muito frios. Essa desuniformidade não foi favorável para as culturas de inverno, pois houve piora nas condições devido ao estresse hídrico, com evapotranspiração acima da média para o período e também formação de geadas, sendo a primeira onda de cerca de quatro dias consecutivos e a segunda com cerca de três dias, atingindo algumas lavouras em fase reprodutiva, quando a planta está mais suscetível a danos por geada.

No final do mês, houve ocorrência de chuvas em volume e intensidade favoráveis em quase todo o estado, o que poderá surtir em recuperação daquelas lavouras classificadas com condições regulares.

O cenário climático desfavorável prejudicou as condições das lavouras, consideradas como 54% boas, 30% médias e 16% ruim, assim, a produtividade estimada, atualmente, é reduzida em relação à safra passada.

As colheitas avançaram em cerca de 11%, estando as demais fases distribuídas com 7% em desenvolvimento vegetativo, 22% em floração, 32% em frutificação e 28% em maturação, destaque para a floração, período de maior suscetibilidade da cultura frente às geadas e a baixa disponibilidade de água no solo.

O preço da semente de aveia branca aumentou consideravelmente, em função da escassez deste insumo, provocando a migração de muitos produtores de aveia branca para aveia preta, trigo ou mesmo por não plantar a cultura, refletindo numa redução de 12,4% na área.

A cultura foi mais impactada por doenças e ferrugem do que outras gramíneas de inverno. O nível tecnológico é de mediano para baixo, com poucas lavouras de alta tecnologia. Poucos dias de frio, com muitos dias quentes favoreceram o aparecimento de doenças.










Mato Grosso do Sul: na região centro-sul, principal produtora do cereal, não apresentou volumes de chuvas expressivos durante agosto. Além disso, o frio tomou conta de toda a região produtora, registrando sensações térmicas abaixo de -1,9 °C. Diante desse cenário, além das áreas prejudicadas pela estiagem, algumas dessas lavouras implantadas mais tardiamente também sofreram danos pela ocorrência da geada.

Algumas lavouras foram prejudicadas devido à queda acentuada nas temperaturas registradas nesse período avaliativo. Nesse contexto, parte das lavouras que se encontravam em fase de florescimento, a geada pode ter causado abortamento de flores, o que resulta em maiores perdas na produtividade do cereal. Além disso, outro problema identificado em alguns

talhões foi a presença do pulgão, porém, nas lavouras que apresentam melhor sanidade e condições favoráveis de colheita, os produtores intensificaram o monitoramento e realizaram aplicações corretivas para o controle do inseto.

A falta de recursos hídricos na definição do potencial produtivo e as variações térmicas intensificou as perdas em praticamente toda região produtora, ou seja, não houve formação de grãos suficiente para justificar a colheita. No entanto, poucas áreas semeadas posteriormente foram cultivadas em condições um pouco mais favoráveis e encontram-se em boas condições, sendo que é esperado uma produtividade média razoável com padrões de qualidade ainda indefinidos.

QUADRO 10 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica			
	Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva
	Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Aveia - Safra 2024								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	4,27	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C		
PR	Centro Ocidental Paranaense	5,92		S/E/DV	DV/F	DV/F	EG/M	M/C	C		
	Norte Central Paranaense	3,44	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F	F/EG/M	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense	4,98	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Oeste Paranaense	0,69	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	1,28	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C		C
	Centro-Sul Paranaense	2,58	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Sudeste Paranaense	1,75			S	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	
RS	Noroeste Rio-grandense	53,06		PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	C		
	Nordeste Rio-grandense	6,16			S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense	8,65		PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	C		
	Centro Oriental Rio-grandense	1,98		PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	C		
	Sudoeste Rio-grandense	2,36		PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	C		
	Sudeste Rio-grandens	2,18		PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * - IBGE (PAM 2022) / Conab.

CANOLA

Rio Grande do Sul: ocorreram problemas durante a implantação da lavoura por chuvas pesadas, que dizimaram algumas áreas já semeadas, das quais apenas algumas foram ressemeadas. Por outro lado, em outras regiões, a falta de umidade não permitiu a semeadura, caso ocorrido, principalmente, na Fronteira Oeste. Nesses casos, os produtores optaram por devolver as sementes.

As lavouras semeadas no início do período recomendado têm estande fora do ideal. Já as lavouras semeadas no período intermediário, apresentam desenvolvimento satisfatório. As áreas semeadas no final da janela de semeadura representam a fatia que está em desenvolvimento vegetativo com relatos de problemas pontuais de estande baixo.

A sanidade das lavouras está sob controle. As doenças que mais afetaram a cultura foram manchas por alternária, causada pelo gênero *Alternaria* e suas variações em espécies, pelo mofo-branco (*Sclerotinia sclerotiorum*), pela traça-das-crucíferas (*Plutella xylostella*) e pela bacteriose do baixeiro.

Quanto aos estágios da cultura, de um modo geral e em média, as lavouras têm 20% em estágio vegetativo, 60% em floração, 18% em formação de siliqua e 2% em maturação.

O início da colheita já aconteceu, mas em áreas menos tecnificadas em que os produtores usam a canola mais como planta de cobertura. A intensificação da colheita está prevista para o final de setembro e início de outubro.

Já a produtividade média esperada pela maioria dos produtores é de 1.800 kg/ha, mas as lavouras semeadas em abril, principalmente, tiveram problemas

de erosão e chuvas torrenciais pós-semeadura, condição que pode interferir negativamente nessa média.

Aqueles produtores mais tecnificados, que dominam todas as fases do cultivo, esperam alcançar produtividades bem maiores, desde que as condições meteorológicas colaborarem. De toda forma, diante da suscetibilidade da cultura a perdas por eventos meteorológicos, mantemos a nossa expectativa de produtividade inicial de 1.465 kg/ha.

Paraná: cultura totalmente plantada e em estádios de floração, 12%, frutificação, 67% e maturação, 21%. Ocorreu aumento de área em relação à safra passada.

As lavouras de canola estão em condições que podem ser consideradas como 89% boas, 10% regulares e 1% ruins. Essa situação se deve em função do tempo seco e quente que tem se manifestado nas regiões de produção, sendo que ainda não foram sinalizados efeitos das geadas ocorridas.

CENTEIO

Paraná: Cultura totalmente semeada, encontrando-se, principalmente, na fase de floração, bem suscetível às condições climáticas desfavoráveis, principalmente geadas. As condições das lavouras estão distribuídas entre boas e regulares. A área teve redução em relação à safra passada, reflexo do clima e mercado desfavoráveis, desmotivando os produtores no cultivo.

CEVADA

Rio Grande do Sul: a semeadura da cultura foi concluída em julho. A área cultivada é estimada em 37 mil hectares. A evolução da operação de semeadura foi prejudicada pelas chuvas intensas e recorrentes de junho e

da primeira metade de julho, mas os produtores souberam aproveitar as janelas favoráveis e realizaram a implantação das lavouras.

O estabelecimento inicial das lavouras, tal qual a semeadura, também foi prejudicado pelas condições meteorológicas desfavoráveis para as sementes e plântulas. Em algumas lavouras, apesar do bom pacote tecnológico, observam-se falhas de estande de plantas. Entretanto, as condições ocorridas a partir da segunda quinzena de julho (principalmente o aumento de dias com boa radiação solar) proporcionou bom desenvolvimento das plantas que, atualmente, apresentam boa sanidade, estatura e vigor.

As condições meteorológicas também permitiram que em agosto se observasse intenso trabalho das máquinas agrícolas nas lavouras. Produtores aproveitaram para realizar os tratos culturais do início do ciclo de desenvolvimento, como o controle das plantas competidoras e a aplicação de fertilizantes nitrogenados.

Nas regiões onde a semeadura se deu mais cedo (oeste do Planalto Médio) já iniciaram as aplicações de inseticidas e fungicidas. De uma forma geral, obteve-se boa eficiência na aplicação dos produtos.

A condição geral das lavouras é boa, mas apenas 12% das áreas já atingiram o período crítico de definição da produtividade (florescimento, enchimento de grãos e maturação), por isso, mantém-se a expectativa inicial de produtividade da cultura.

No período de realização deste levantamento as áreas se dividiam em vários estádios fenológicos de desenvolvimento: 1% já estava no enchimento de grãos, 11% em florescimento e as 88% restantes estavam em desenvolvimento vegetativo (não restam mais lavouras em emergência).

Entre as áreas em desenvolvimento vegetativo, predomina a fase de perfilhamento, representando 42% das áreas. As demais estavam divididas em alongamento e emborrachamento (20%) e desenvolvimento vegetativo inicial (27%).

A partir de setembro será crucial a ocorrência de condições meteorológicas favoráveis para a obtenção de bons patamares de produtividade. Preocupa a previsão de geadas tardias durante o mês de setembro e de chuvas significativamente acima da média para outubro.

Paraná: a cultura desenvolve-se dentro do que se espera. As condições climáticas foram moderadamente adversas, principalmente devido às altas temperaturas médias no mês de agosto, atípicas para o inverno, além da falta de chuvas.

Também houve ocorrência, em agosto, de geadas por quatro a três dias consecutivos, o que afetou, sobretudo, as lavouras em início de fase reprodutiva.

Apesar do estresse hídrico, ainda se mantém alta a expectativa de produtividade devido ao alto investimento tecnológico e à fase mais inicial da cultura, que ainda conta com possibilidade de recuperação, caso as chuvas e temperaturas melhorem. Previsão de colheita a partir de meados de outubro.

Foram verificadas vendas antecipadas de parte da cevada que será produzida na safra atual, visto que essa cultura é fomentada pelas indústrias de Malte, com a comercialização antecipada girando em torno dos 20% no estado.

Apesar das condições climáticas menos favoráveis, de modo geral, a boa condução das lavouras permite que a condição das lavouras ainda seja boa.

TRITICALE

Paraná: para este ciclo, existe uma previsão de cultivo de 9,3 mil hectares, o que é 18,4% inferior aos 11,4 mil hectares de triticale cultivados no ciclo 2022/23. Essa diminuição deve-se em função de que muitos produtores tiveram frustrações, de produtividade e qualidade, no ciclo passado, bem como os preços no momento do plantio

Esta cultura é utilizada nas propriedades como alimentação para o gado, assim como, para comércio entre vizinhos de sementes/grãos.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de inverno, [clique aqui](#).



APÊNDICE

VAZIO SANITÁRIO

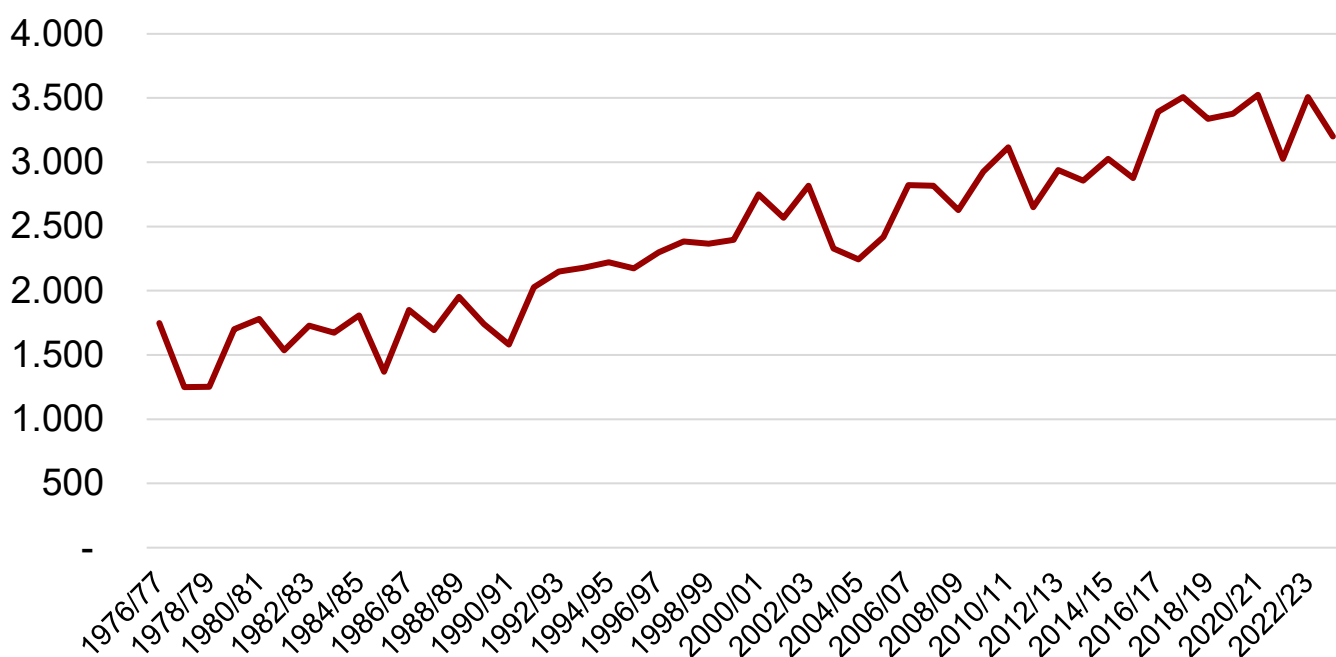
O vazio sanitário é definido como o período no qual é proibido cultivar, implantar, bem como manter ou permitir a presença de plantas vivas em qualquer fase de desenvolvimento. Nele, apenas áreas de pesquisa científica e de produção de sementes, devidamente monitorada e controlada, são liberadas para o cultivo. A medida é adotada com o objetivo específico para cada cultura, e visa manter a sanidade das lavouras, permitindo o alcance máximo do potencial produtivo da planta, mitigando a possibilidade de manter propágulos de patógenos viáveis no campo por meio de hospedeiros temporários.

Na produção brasileira de grãos, algumas culturas dispõem de um calendário agrícola, que inclui o mecanismo do vazio sanitário como método de controle para eventuais pragas e doenças que podem se manter vivas no campo durante a entressafra e, posteriormente, trazer danos econômicos consideráveis na safra propriamente dita.

Um exemplo disso é a incidência de ferrugem asiática na soja, doença muito prejudicial à cultura no país. O primeiro relato de ferrugem asiática da soja

no Brasil aconteceu em 2001, e coincidiu justamente com um período de decréscimo da produtividade média brasileira para a cultura. Observa-se que a partir da safra 2001/02, a primeira safra após o aparecimento da doença no país, houve uma pequena redução nesse rendimento médio, acentuando-se na safra 2004/05 e voltando ao normal apenas na safra 2006/07. É importante destacar que a partir de 2006 foi implantado o vazio sanitário em Goiás e Mato Grosso, podendo explicar a recuperação da produtividade a patamares já alcançados.

GRÁFICO 3 - SÉRIE HISTÓRICA DA PRODUTIVIDADE DE SOJA



Fonte: Conab.

O agente causal dessa doença (o fungo *Phakopsora pachyrhizi*) necessita de um hospedeiro vivo para completar seu ciclo e, além disso, conta com uma boa viabilidade de suas estruturas reprodutivas (esporos) no campo, quando as condições são favoráveis à sua manutenção e seu desenvolvimento. Algumas pesquisas mencionam que o tempo máximo de permanência da ferrugem asiática em plantas vivas, soja tiguera ou guaxa, é de 55 dias. Portanto, mantendo-se um período mínimo de 60 dias, podendo alcançar até

90 dias, de vazio sanitário, o sojicultor diminui a possibilidade de incidência precoce da doença, mas não resolve por completo os problemas causados pelo fungo.

Atualmente, vinte e dois estados produtores de soja adotam o período do vazio sanitário regulamentado por suas agências locais de controle fitossanitário, são eles: Roraima, Rondônia, Pará, Amapá, Acre, Amazonas, Tocantins, Maranhão, Piauí, Bahia, Alagoas, Ceará, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Nos demais estados não há regulamentação específica para adoção de vazio sanitário.

QUADRO 11 - PERÍODO DE VAZIO SANITÁRIO PARA A SOJA

UF	JUN		JUL		AGO		SET		OUT		NOV		DEZ		Início	Fim
	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz		
RR															19/12	18/03
RO															10/06	10/09
AC															22/06	20/09
AM															10/06	10/09
AP															01/12	28/02
PA/Região I															15/06	15/09
PA/Região II															01/08	31/10
PA/Região III															15/08	15/11
TO															01/07	30/09
MA/Região I															03/07	30/09
MA/Região II															03/08	31/10
MA/Região III															02/09	30/11
PI/Região I															01/09	30/11
PI/Região II															01/08	31/10
PI/Região III															01/07	29/09
CE															03/11	31/01
AL															10/01	01/04
BA															26/06	24/09
MT															08/06	06/09
MS															15/06	15/09
GO															27/06	24/09
DF															01/07	30/09
MG															01/07	30/09

Continua

UF	JUN		JUL		AGO		SET		OUT		NOV		DEZ		Início	Fim
	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz	1ª qz	2ª qz		
SP/Região I															01/06	31/08
SP/Região II															12/06	12/09
SP/Região III															15/06	15/09
PR/Região I															21/06	19/09
PR/Região II															02/06	31/08
PR/Região III															22/06	20/09
SC/Região I															04/07	12/10
SC/Região II															04/07	01/10
SC/Região III															04/07	01/10
SC/Região IV															04/07	01/10
RJ															15/06	28/09
RS															03/07	30/09

Legenda: qz = quinzena

Fonte: Conab.

Além da soja, outras culturas também adotam o vazio sanitário como medida de controle preventivo, tal como o algodão, com o objetivo principal de inviabilizar a persistência e o desenvolvimento do bicudo do algodoeiro (*Anthonomus grandis*) na lavoura, visando proteger a produção, evitando danos econômicos. Considerada praga chave para a cotonicultura, o bicudo tem grande capacidade destrutiva e boa habilidade para permanecer nessas lavouras durante a entressafra. Ela foi, por exemplo, responsável pela migração do cultivo da cultura do Paraná para a Região Centro-Oeste. No início da década de 1990 esse estado era o maior produtor nacional, cultivando mais de 700 mil hectares, enquanto em Mato Grosso, por exemplo, plantava-se cerca de 30 mil hectares. Juntamente com esses dois estados, Mato Grosso e Paraná, o vazio sanitário para o algodão também está estabelecido nas seguintes unidades federativas regulamentadas por suas respectivas secretarias de controle fitossanitário: Bahia, Maranhão, Tocantins, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Piauí e Ceará.

QUADRO 12 - PERÍODO DE VAZIO SANITÁRIO PARA O ALGODÃO

UF	JUN		JUL		AGO			SET			OUT			NOV			DEZ			JAN		Início	Fim		
	2ª dc	3ª dc	2ª dc	3ª dc	1ª dc	2ª dc	3ª dc	1ª dc	2ª dc	3ª dc	1ª dc	2ª dc	3ª dc	1ª dc	2ª dc	3ª dc	1ª dc	2ª dc	3ª dc	1ª dc	2ª dc				
BA																							20/09	20/11	
MA - Região I																								01/10	30/11
MA - Região II																								01/11	30/12
MT - Região I																								01/10	30/11
MT - Região II																								15/10	14/12
MS - Região I																								15/09	30/11
MS - Região II																								15/08	30/10
MS - Região III																								15/07	30/09
GO - Região 1																								15/09	25/11
GO - Região 2																								20/09	30/11
GO - Região 3																								10/09	19/11
GO - Região 4																								10/11	20/01
TO																								20/09	20/11
MG																								20/09	20/11
SP - Região I																								01/08	30/09
SP - Região II																								10/09	10/11
PR																								01/08	30/09
PI																								20/09	20/11
CE																								01/10	31/12

Legenda: dc = decêndio.

Fonte: Conab.

Para o feijão, o vazio sanitário tem como objetivo o controle da mosca-branca (*Bemisia tabaci*) e diminuir a quantidade de alimento para esse inseto, considerado uma das pragas mais prejudiciais para os produtores dessa cultura. A eliminação de plantas vivas nesse período evita que o inseto se mantenha ativo e provoque danos às próximas safras, uma vez que ele é vetor de doenças, como o vírus do mosaico dourado do feijoeiro e o transmite no momento da sucção da seiva da planta. Nesta safra, Goiás, Distrito Federal e Minas Gerais determinaram período de vazio sanitário para o feijão.

QUADRO 13 - PERÍODO DE VAZIO SANITÁRIO PARA O FEIJÃO

UF	AGO			SET			OUT			NOV			Início	Fim
	1ª dc	2ª dc	3ª dc	1ª dc	2ª dc	3ª dc	1ª dc	2ª dc	3ª dc	1ª dc	2ª dc	3ª dc		
GO													20/09	20/11
DF													01/10	30/11
MG													01/11	30/12

Legenda: dc = decêndio.

Fonte: Conab e Portaria SDA/Mapa nº 1.107, de 8 de maio de 2024.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO APÊNDICE

MEYER, M. C. Relato da ferrugem asiática da soja no Maranhão e Piauí, na safra 2006/7. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE FERRUGEM ASIÁTICA DA SOJA, X., 2007, Londrina. Anais... Londrina: EMBRAPA Soja.

FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná. Paraná implanta vazio sanitário da soja pela primeira vez. Boletim Informativo, n. 1.008, Curitiba: junho de 2008.

PORTARIA SEAGRI/DF Nº 32, DE 28/5/2014 – VAZIO SANITÁRIO DO FEIJÃO;

PORTARIA SDA 781, DE 6/4/2014 – VAZIO SANITÁRIO DA SOJA NO DISTRITO FEDERAL;

PORTARIA SDA/MAPA Nº 1.111, DE 13 DE MAIO DE 2024;

Resolução SAA/SP Nº 45, de 17 de maio de 2022 – VAZIO SANITÁRIO DO ALGODÃO;

Portaria da Adagri/CE nº 022/2020, de 27/2/2020 - VAZIO SANITÁRIO DO ALGODÃO;

Portaria Adab/BA nº 201/2019 + Portaria Adab/BA nº 079/2022 (adendo) + adendo Adab, de 15 de setembro de 2023, antecipando o início do vazio sanitário do algodão para 10 de setembro de 2023 até 10 de novembro de 2023;

Instrução Normativa Conjunta SEDEC/INDEA-MT nº 001/2016 (estabelece vazio sanitário do algodão em MT);

•Resolução Conjunta Sepaf/Iagro-MS, de março de 2021, divulgada no Diário Oficial

em 11/3/2021, atualizando a resolução nº 001/2015, de 2 de setembro de 2015, que estabelece período de vazio sanitário em Mato Grosso do Sul;

Instrução Normativa AGRODEFESA/GO nº 04/2019 (vazio sanitário algodão);

Instrução Normativa ADAPEC/TO nº 5, de 1º de abril de 2019 (vazio sanitário algodão);

Portaria IMA/MG nº 1884/2018 de 23/11/2018 - VAZIO SANITÁRIO DO ALGODÃO;

Portaria IMA/MG nº 1537/2015, de 1/9/2015 - VAZIO SANITÁRIO DO FEIJÃO;

Portaria ADAPAR/PR Nº 200/2019, DE 22/7/2019 - VAZIO SANITÁRIO DO ALGODÃO.

PORTARIA SDA/MAPA Nº 1.107, DE 8 DE MAIO DE 2024.



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR

